

## INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE CARNAÚBA DOS DANTAS III: FORMAS DE EXPRESSÃO

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

Historiador e Especialista em Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo – UFRN

e-mail: [heldermacedo@katatudo.com.br](mailto:heldermacedo@katatudo.com.br)

Expedita Maria Dantas

Licenciada em Letras e Especialista em Lingüística e Língua Materna – UFRN

Márcio Dantas de Medeiros

Maestro da Filarmônica Onze de Dezembro

Anna Jacinta Dantas de Medeiros

Discente do Curso de Farmácia - UFRN

### Resumo

Apresenta os resultados do Projeto Cultural *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* – PRONAC 043906, coordenado por Helder Alexandre Medeiros de Macedo e com financiamento da PETROBRAS, através do Programa Petrobras Cultural, contando com apoio do Ministério da Cultura, Programa Nacional de Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Demonstra, aqui, as fichas de cadastro das manifestações do patrimônio cultural de ordem intangível, vinculadas ao eixo temático das Formas de Expressão.

### Palavras-chave

Seridó, Carnaúba dos Dantas, Patrimônio Imaterial

## ***1. Arte da Música em Carnaúba dos Dantas***

### *Caracterização*

Desde os fins do século XIX a música vem sendo desenvolvida no município de Carnaúba dos Dantas, a partir da sua introdução pelos rituais religiosos e pelo interesse e pioneirismo de Manuel Hipólito Dantas e de José Venâncio Dantas, que revelou talentos como Tonheca Dantas, José Alberto Dantas, Pedro Arboés Dantas, Pedro Lúcio Dantas, Enéas Hipólito Dantas, Manuel Hipólito Filho (Fumaça), Felinto Lúcio Dantas, Francisco Rafael Dantas (França), Carlos Guedes Câmara, José Donato Filho, Márcio Dantas de Medeiros e Joelson Idevan de Azevedo. Fazendo surgir um estilo próprio e inconfundível de músicas instrumentais que romperam fronteiras regionais, estaduais e até mesmo nacionais.

A música carnaubense apresenta como características básicas a descrição do cotidiano, de costumes e da identidade de seus habitantes tornando-se um estilo de música alegre, cativo e carismático através de seus dobrados, valsas, maxixes, choros, fantasias e músicas sacras.



Fig. 1 Banda de Música da Povoação de Carnaúba (1925-26). Acervo particular de Genilson Osni de Araújo

### *Histórico*

A música é uma das artes mais antigas que se conhece. Não sabemos quem foi o primeiro músico e nem quando foram produzidos os primeiros instrumentos musicais. Acreditamos que grupos humanos de caçadores-coletores usavam tocos para produzir sons através de batidas e ossos dos animais caçados para produzir ruídos através de sopros, originando as primeiras flautas. Costuma-se atribuir aos fenícios (povos que habitavam o Norte da África e o Oriente Médio) a fundição dos primeiros instrumentos de metal (trombetas). Sabemos que na época do Rei Salomão (cerca de 700 anos a.C.) já havia orquestras, pois na edificação do templo existia uma parte destinada aos músicos e cantores, tradição esta, que é visível nas igrejas católicas onde há um coro. Com a evolução da humanidade e o surgimento dos mais diversos tipos de artesãos, foram sendo criados instrumentos de madeira e metal

como também trompas (a partir de chifres de animais) com o acréscimo de tubos e de teclas que proporcionavam uma maior dinamização e melhoria na qualidade de sons produzidos por estes instrumentos, não havendo registros precisos dos tipos de músicas da Antiguidade. Acreditamos que cada povo tinha a sua escrita musical própria e seus próprios instrumentos, tornando-se impraticável a sua difusão, pois os músicos tinham que conhecer os estilos regionais para poder executá-los. Só a partir do século XVI é que a escrita musical foi universalizada pela Igreja Católica, obedecendo normas e critérios que passaram a ser adotados por todos os povos do Ocidente, assim como a disposição e distribuição dos instrumentos musicais.



Fig. 2 Banda de Música da Povoação de Carnaúba (1928). Acervo da Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas

As orquestras (conjunto de músicos) como conhecemos surgiram por volta de 1500, através dos italianos e alemães. Sabemos que na Antiguidade existia música e



músicos, mas não é possível saber se houve concertos orquestrais. Na Europa Renascentista a música passou a ser difundida e estilizada pelos seus diversos países, chegando a Portugal e conseqüentemente no Brasil no século XVII. Inicialmente foram os militares que criaram as primeiras formações musicais, originando bandas e fanfarras. Provavelmente este tipo de formação se deu também na cidade de Carnaúba dos Dantas, em fins do século XIX. Essa forma de expressão artística encontrou um campo bastante fértil no solo carnaubense o que lhe deu o título de “Terra da Música”.



Fig. 3 Orquestra Musical (1936) na Povoação de Carnaúba. Acervo particular de Elisabete Dantas de Araújo

Das linguagens utilizadas pelo ser humano em suas relações, a música - linguagem universal - traduz sentimentos às vezes indizíveis, indiferentes à origem, à etnia ou ao tempo. Ninguém deseja morar no silêncio. A vida vem em onda como o

som. Os instrumentos musicais soam notas que tocam, tocam-se e encantam. Transmitem tradições, histórias, sentimentos, sonhos paixões, vivificam o passado e conduzem a tempos futuristas. É assim que, desde que o primeiro instrumento musical produziu som nesta terra cujo rio é ladeado de carnaubeiras que os músicos expressam, através da arte de Santa Cecília, o que há de mais profundo, humano e santo da alma de um povo.

A mais antiga referência que se tem da atividade musical de Carnaúba dos Dantas está ligada ao nome de José Venâncio Dantas<sup>1</sup>, filho do Tenente-Coronel João José Dantas e da escrava fôrra Vicência Maria do Espírito Santo. Sertanejo humilde, tocava requinta e violino e regeu a famosa Banda de Música da Carnaúba de Baixo, onde residia. Compôs várias músicas, das quais, infelizmente, pouco conhecemos. É o caso do Hino de Nossa Senhora da Guia (o primeiro), Padroeira de Acari. Foi na Banda da Carnaúba de Baixo que tocou o grande maestro e compositor Antônio Pedro Dantas, conhecido como Tonheca Dantas, que era irmão de José Venâncio. Tonheca Dantas teve uma infância marcada pelo trabalho árduo na agricultura, porém feliz e rodeado de talentosos músicos, quais eram os seus irmãos. Dedicou-se a tocar clarinete - não que o musicista não soubesse também tocar outros instrumentos, é que o clarinete lhe dava mais prazer.

---

<sup>1</sup> As informações abaixo que se relacionam a José Venâncio Dantas e Tonheca Dantas foram extraídas do livro *A Desfolhar Saudades - Uma biografia de Tonheca Dantas*, de Claudio Galvão, além de informações pessoais fornecidas pelo historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo.



Fig. 4 Banda de Música Governador Tarcísio Maia (1979). Acervo da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro

Com o passar do tempo, Tonheca começou a despertar para o amor e conheceu Rosa de Lima com a qual se casou e teve uma filha de nome Auta. Passou por muitas dificuldades, tanto conjugal como econômica e foi para Natal tentar sua sorte. Foi mestre da banda do Batalhão de Segurança, só que por pouco tempo. Procurou novos horizontes e viajou rumo ao Norte, porém ficou numa cidade paraibana por nome Alagoa Grande, retornando por duas vezes. Tempo depois, seguiu para Belém do Pará, e por muito tempo amargou saudades de sua terra Carnaúba e seu tempo de mestre de banda de música.





Fig. 5 Filarmônica Onze de Dezembro (2005). Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

A procura de emprego era constante na vida de Tonheca, até que surgiu um convite para ele compor uma valsa, que tempos depois, em Natal recebeu o título Royal Cinema. Com esforço e experiência na arte musical, conseguiu ingressar na Banda de Música do Corpo de Bombeiros e suas dificuldades foram *amenizadas*. Vivia então como músico e professor. Nesse ínterim, conheceu sua segunda esposa Ana Florentina da Silva, que teve uma filha de nome Antônia. As surpresas eram constantes: O encontro com seu primo Manoel Hipólito Dantas, o Fumaça (jovem hábil e desinibido, graças ao seu desempenho musical, tocava pistom como ninguém); a tocata para o Presidente da República; a chegada de uma filha que tinha em Alagoa Grande e um súbito problema de saúde que fez retornar a cidade de Natal no RN. Como era um homem boêmio, gastava seu dinheiro na vida noturna, esquecendo o dia de amanhã.



Suas andanças eram contínuas e chegou a Santana do Matos. Lá encontrou sua terceira esposa Francisca Lino Bezerra, com ela teve oito filhos. Continuava assim suas mudanças Caraúbas/Santana do Matos/Jardim do Seridó/Alagoa Grande/Parayba - onde compôs e instrumentou com solo de clarinete uma das suas mais belas valsas, intitulada “A Desfolhar Saudade” - retornando a Natal.



Fig. 6 José Venâncio Dantas. Foto: Helder Macedo (2005)

Tonheca não esquecia suas origens sertanejas e voltou a sua cidade natal Carnaúba dos Dantas para participar da festa de Nossa Senhora das Vitórias realizada nos dias 15 a 25 de Outubro. As lembranças afluíam: a infância, a convivência familiar, as amizades, o início da música. Mas, não foi inútil o seu fazer.

Chegando em Carnaúba o encontro com amigos, com a música. A terra solidária soa como tambores, uma harmonia de vozes ao seu redor, tubas e trompas anunciam o compasso de seus passos. O baile nos salões do Grupo Escolar Caetano Dantas. Salve! Aplausos! Royal Cinema, agora em solo de saxofone. A sensação de que aquela seria a última visita à sua terra. Tonheca enfrenta graves problemas de saúde, chegando a falecer em Natal no dia 7 de fevereiro de 1940. Não há mais luz, nem cores, nem som, mas deixou até hoje um dó, ré, mi, fá, sol, lá, si nos seus dobrados, valsas, marchas, maxixe, choro... que encanta e enobrece as festas, as cerimônias cívicas, religiosas e fúnebres, e os eventos culturais.



Fig. 7 Tonheca Dantas. Foto: Helder Macedo (2005)

Outro grande musicista carnaubense foi José Alberto Dantas que aprendeu a arte com o mestre José Venâncio Dantas. Era agricultor e professor particular. Tinha um papel importante na política carnaubense, e na Historiografia (deixou trabalhos sobre a História de Carnaúba dos Dantas). Foi juiz de paz, em Acari. Orador nato, teve este seu dom executado na bênção e inauguração do Cruzeiro do Serrote do Galo, em 25 de outubro de 1928. Apesar de sabermos, pela tradição oral, que foi autor de uma Missa Sacral a qual foi cantada por ocasião da primeira missa de Dom José Adelino Dantas, na igreja de São José, e de um famosíssimo *Tantum Ergum*, não se guardam, hoje, as devidas partituras destas músicas. Foi maestro e por muitos anos, regente do Coral Sacro da Igreja de São José e prestou serviços em várias cidades do Rio Grande do Norte e comumente, da Paraíba. José Alberto morreu em 1935 e desde então no decorrer do século XX, conheceu outros músicos.



Fig. 8 Pedro Arboés Dantas. Foto: Helder Macedo (2005)

No ano de 1926, na povoação Carnaúba foi organizada uma nova banda de música, regida pelo maestro Pedro Arboés Dantas, que era casado com a filha de José Venâncio Dantas. Pedrinho Arboés como era conhecido, era um homem simples e temente a Deus. Brillhou na música como compositor de vários dobrados, valsas, tangos e músicas clássicas. Suas composições não foram conservadas. Tocou também nesta banda Pedro Lúcio Dantas que desde cedo, dedicou sua vida ao campo e à agricultura; nos intervalos estudava música, tornando-se um músico renomado, compositor de alta categoria, autor de várias composições, lamentavelmente perdidas. Era um gênio na música, tocava saxofone e clarinete. Foi protagonista de inúmeras histórias que marcaram o folclore da música carnaubense. Foi também um



grande artesão, tendo sido segundo relatos de seus contemporâneos, inventor da “Fosforeira”, um aparelho precursor do isqueiro.



Fig. 9 Pedro Lúcio Dantas. Foto: Helder Macedo (2005)

Pedro Lúcio era irmão do futuro Papa da música carnaubense, Felinto Lúcio Dantas<sup>2</sup>, homem modesto, caracterizado por uma simplicidade incomum, vivendo compondo no anonimato. Trabalhava na roça e lá compunha suas músicas na cabeça, quando chegava em casa é que colocava-as no papel. Dedicou-se à música aos 17 anos e confessava que foi a valsa Royal Cinema de seu primo Tonheca Dantas,

---

<sup>2</sup> As informações a respeito de Felinto Lúcio Dantas estão baseadas no livro *O plantador de sons*, de Danilo Guanais.

anteriormente citado, que lhe fez nascer a vocação musical, e, daquela época até hoje, a harmonia das suas músicas cobrem a paisagem carnaubense. Sua primeira composição foi o dobrado “Estréia” [1917], seguida da valsa “Culpa e Perdão” [1919]. O clarinete feito de pereiro com chaves de latão e abafadores de sola foi o 1º instrumento tocado por Felinto Lúcio, confeccionado pelo carpinteiro e violinista Mamede Azevedo Dantas, que na sua habilidade da arte fabricava banjos, cavaquinhos, violões e violinos.

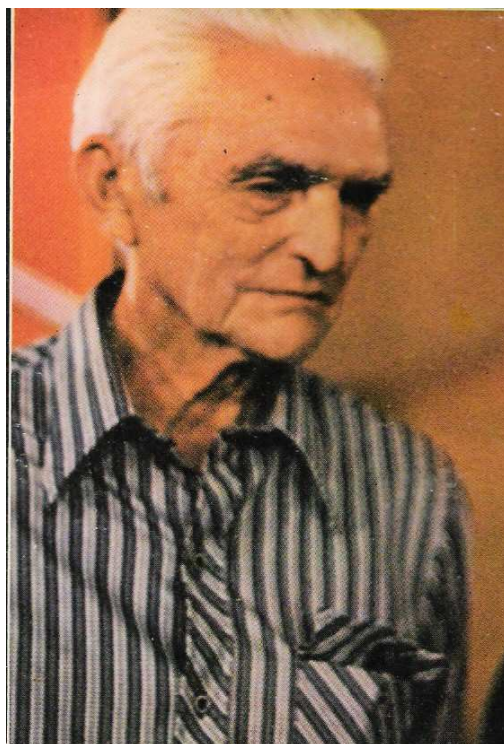


Fig. 10 Felinto Lúcio Dantas. Acervo particular de Nilda Medeiros Dantas

Esse homem rústico e humilde do Seridó, tranquilo e observador, mesmo na velhice, tinha alma tão jovem quão ingênua. Transparecia algo de grande, de belo, de sublime, atraindo pela sua modéstia todos que privaram da sua amizade. A música era o “seu mundo”, dizia, e nela viveu mergulhado e *absorto* até mesmo no seu prolongado e doloroso sofrimento. Era um homem transparente, personalidade forte,

alegre, enérgico e profundamente humilde. Na sua peculiar modéstia, Felinto Lúcio afirmava que as suas composições musicais atingiram mais de cem e menos de mil, todas inspiradas nas viagens a pé ao sítio, do silêncio das madrugadas, do cantar dos pássaros, dos movimentos das folhas das carnaubeiras, da beleza dos sons indecifráveis dos animais, enfim da natureza, a qual qualificava de “sua escola”. Inspirado nesse belo conjunto harmonioso, Felinto Lúcio difundiu o mundo a sua mensagem de amor, de seriedade nas belas composições musicais, hoje mensagens de recordações e saudades, sempre renovadas quando executadas.



Fig. 11 Filarmônica Onze de Dezembro (2004). Foto: Helder Macedo

Uma de suas pupilas - Célia de Medeiros Dantas Pires Ferreira - que também exerceu a profissão durante 5 anos influenciada pelo seu avô Gelmires Martinho de Araújo, também músico, acrescentou que muitas das músicas compostas por ele, o

mesmo não chegou a ouvir. “Quando ele chegava com um envelope de papel madeira, nós sabíamos que ele queria ouvir uma de suas composições”, quando regida, ele dizia baixinho: não lembrava mais a melodia - pelo fato de estar no baú. Era muito exigente nas músicas sacras, essas eram regidas por ele, se errássemos uma nota, apontava sério como se dissesse você errou. Tínhamos muito medo, respeito e acima de tudo gratidão.



Fig. 12 Lançamento do CD "Cruzeta revela Márcio Dantas" (2005). Foto: Helder Macedo

No ano de 1977, o MOBREAL, publicou uma coletânea de 12 partituras de seus dobrados, valsas e músicas sacras. A TV Universitária da UFRN gravou com ele um dos programas “Memória Viva”. Em entrevista concedida ao jornal “Tribuna do Norte”, de 29 de março de 1978, ele descreve sua atividade: “Eu não sei como é que componho. A música em mim, é um negócio mental, ela sai sem eu sentir. É um



negócio dado pelo Senhor das maravilhas, é um dom. Eu não preciso de instrumento para compor. A música vai saindo e eu escrevendo”. Foi Felinto o mentor da banda de música Governador Tarcísio Maia.



Fig. 13 Filarmônica Onze de Dezembro (2005). Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

Felinto Lúcio faleceu no dia 11 de setembro de 1986, na sua residência em Carnaúba dos Dantas, deixando sementes plantadas para o surgimento dos novos frutos na veia musical dos músicos que virão.

Surge então no Sítio Volta do Rio, Carnaúba dos Dantas, Francisco Rafael Dantas que iniciou seus estudos musicais aos 35 anos, em 1970, com o maestro Felinto Lúcio Dantas, tocando saxofone alto. Escreveu no ano de 1981, o Frevo Canção “Cinzas dos Carnavais” - seu trabalho mais importante. Regeu a banda de música “Governador Tarcísio Maia”, no período de 1996 a 2000, formando inúmeros

alunos musicistas que, hoje, fazem parte das bandas de música na região. França como é conhecido aprimorou seus conhecimentos musicais com o maestro Francisco das Chagas Silva - Pinta - homem simples, esforçado, lutou com dificuldades para criar a família. Foi para seus alunos um pai, um verdadeiro mestre. Mestre Pinta deixou uma legião enorme de alunos. Compôs frevos, valsas e marchas de procissão. Era um músico completo como instrumentista, maestro e compositor.

Foi com o mestre Felinto Lúcio que sobressaiu o talentoso músico Márcio Dantas de Medeiros que no ano de 1985 aprendeu a tocar tuba e dois anos após escreveu sua primeira composição, o dobrado “Maestro Pinta”. Logo após, seguiram-se inúmeras composições como: valsas, dobrados, marchas de procissão, fantasias, temas, chorinhos, trilhas sonoras para teatro, novenas, missas, músicas sacras e uma infinidade de arranjos de músicas populares. Suas composições são inspiradas em cenas do cotidiano e sentimentos como saudades, paixões, angústias, tristezas, alegrias, raivas. Transcreve de forma popular os conhecimentos eruditos. É considerado por colegas musicistas como um grande compositor, chegando quase o nível de Tonheca Dantas e Felinto Lúcio pelo seu estilo musical e de não se prender a um só gênero. Nos seus momentos de folga gosta de ouvir músicas clássicas de Beethoven, Bach, Richard Strauss, além de música brasileira, de Tonheca Dantas, Felinto Lúcio, Pixinguinha, Noel Rosa, Zequinha de Abreu. A música destes compositores proporciona para Márcio momentos de lazer, reflexão e enriquece seus conhecimentos no trabalho que faz, que é a música.

Na convivência musical com o maestro Márcio vem o jovem Joelson Idevan de Azevedo [filho de Perigo] é um jovem que ingressou na Banda de Música Tarcísio Maia, aos 10 anos, influenciado por amigos e por gostar de ouvir músicas instrumentais como “Itanildo e seu Sax de Ouro”, orquestras e músicas do gênero. Aos 20 anos já era integrante ativo. Recorda com saudade do Mestre Felinto Lúcio,

pela sua maestria e sabedoria, apesar de, após ter lido o livro “A Desfolhar Saudades” de Cláudio Galvão, uma biografia do saudoso e maestro Tonheca Dantas, passou também a admirá-lo. Segundo Joelson, essas heranças musicais só não foram totalmente esquecidas porque os músicos da cidade procuram reavivar as memórias dos grandes vultos musicais da nossa terra, fazendo homenagens e passando de forma voluntária esses ensinamentos ou aprendizagem para os mais jovens. Foi com o professor e Mestre Pinta que tocou seu primeiro instrumento, um trombone, seguido de clarinete, requinte, saxofone depois clarinete e finalmente com a formação da “Filarmônica Onze de Dezembro” o saxoprano.

Ultimamente, um dos seus grandes ídolos na música é o maestro da cidade, Márcio Dantas (ditado anteriormente). Joelson fala sobre a facilidade do maestro para criar e produzir composições suas, arranjos de música da Filarmônica do município e cidades vizinhas e da paixão com que o mesmo busca manter a cultura musical de uma cidade conhecida como “Terra da Música” e que infelizmente vem sendo deixada de lado.

Os músicos atuais - os mais experientes - fazem um trabalho voluntário na rede da Filarmônica Onze de Dezembro, no PETI, e em outros lugares como uma ação social, pois segundo Joelson, “a música não tem idade para ser aprendida e é algo que só traz benefícios e responsabilidades”.

Joelson admira o estilo musical de Carlos Guedes e Flávio Guedes e quando pode, compõe músicas instrumentais e poemas, apesar de não gostar que ninguém os veja. Já compôs músicas como o maxixe denominado “Momento Alegre”, homenagem aos irmãos Flávio e Assis Guedes (falecido) e esse maxixe já é tocado pela “Filarmônica Onze de Dezembro”; uma valsa chamada “Saudoso Coração”, um chorinho intitulado “Poiva no Trombone” para o amigo Fabiano (Poivinha), um

arranjo da música “Grandioso és tu” e fez também a letra de uma música religiosa sacra chamada “Santa Maria”, com arranjo do maestro Márcio Dantas.

Porém, não só à música erudita os carnaubenses se destacaram. Dois grandes conjuntos musicais destacaram-se dos anos 70 aos 90, com oscilações: *Os Tradicionais* e *Scalla Show*, que executavam músicas de estilos diversos. Não poderíamos deixar de fazer uma remissão, também, à figura emblemática de Ana Teresa de Medeiros, conhecida pelos seus conterrâneos como *Aninha*, que até hoje nos encanta com a sua voz cristalina e suave. De vez em quando *Aninha* tira um pouco do seu tempo, dedicado ao trabalho profissional em conjuntos musicais, para retornar a sua terra. Nesse instante, geralmente em serestas ou celebrações de cunho religioso, nos brinda com a delícia e a paz de sua voz.



Fig. 14 Filarmônica Onze de Dezembro (2005). Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906



*Descrição*

A música se desenvolve a partir do momento em que as crianças e jovens sentem-se atraídos pelo vibrante som da banda que passa. Logo em seguida, os alunos ingressam na escola de música aprendendo a simbologia musical e a sua linguagem. Depois se passam a treinar com um instrumento musical decifrando a partitura que expressa sentimentos como: paixões, saudades, tristezas, magoas e alegrias. Após um período de treinamentos e ensaios com músicos mais experientes, adquire-se a habilidade necessária para execução das peças e números musicais programados para serem apresentadas em público. Onde se misturam em harmonia, sons entre outros instrumentos de clarinetes, flautas, saxofones, trompetes, trombones, tubas, tambores. Todos os músicos usam o mesmo tipo de fardamento composto geralmente de calça, camisa, quepe, sapatos e cinto. Ao final das apresentações, o público agradece com entusiásticos aplausos e comentários, enchendo os músicos e seus familiares de elevado orgulho. Na maioria das vezes a recompensa financeira do ofício de musicista é insatisfatória, tendo o músico a obrigação de realizar outras atividades profissionais como: professor, comerciante, oleiro e agricultor. Geralmente os músicos atuais são descendentes diretos dos pioneiros que deram a Carnaúba dos Dantas a denominação de “Terra da Música”.

O músico muitas vezes passa despercebido em uma sociedade, mas logo que é notado e identificado quando faz parte de um grupo musical (orquestra, coral, banda) ou quando ele se torna solista desse grupo. Em Carnaúba dos Dantas, a grande maioria dos músicos está agregada na Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro - AMCOD. A sede dessa associação é constituída de um prédio na forma de galpão onde se oferece espaço para quarenta músicos da Filarmônica Onze de Dezembro e trinta cantores do coral Vozes de Carnaúba, onde se reúnem e ensaiam

em conjunto. A remuneração financeira dos músicos, geralmente, é decorrente das festas de padroeiro, recebendo um cachê no final dos dez dias tocados.

#### *Bens Relacionados*

Piston de Pedro Arboés Dantas presente no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias; instrumentos musicais da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro.

#### *Intervenções*

A obra musical de um artista tende a desaparecer quando houver extravio ou perda de partituras, como a maior parte do acervo de José Alberto Dantas, Pedro Lúcio Dantas, José Venâncio Dantas, Pedro Arboés Dantas e algumas de Felinto Lúcio Dantas e Tonheca Dantas. Além disso, uma escola de música fecha quando falta apoio e incentivo governamentais ou da sociedade, fazendo com que inúmeros talentos musicais deixem de ser revelados. Esperamos que a música e os grandes musicistas carnaubenses ausentes e presentes fiquem gravados na memória cultural e social dos mais jovens e da comunidade em geral, como exemplos de fé, humildade, simplicidade, honestidade e especialmente amor a uma cultura que não poderá deixar perder-se no tempo e no esquecimento, afinal, Carnaúba dos Dantas é a Terra da Música.



Fig. 15 Filarmônica Onze de Dezembro. Acervo da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro

### *Referências*

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

DANTAS, Donatilla. Carnaúba dos Dantas - Terra da Música. Brasília: H.P. Mendes, 1987.

GALVÃO, Cláudio. A desfolhar saudades - uma biografia de Tonheca Dantas. Natal:

GUANAIS, Danilo. O plantador de sons: vida e obra de Felinto Lúcio Dantas. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. Preá - Revista de Cultura. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

#### *Mídias*

DANTAS, Felinto Lúcio. Estréia. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Nação Potiguar. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 1999.

DANTAS, Felinto Lúcio. Felinto Lúcio Dantas. CD áudio. Natal: Cooperativa Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001. [remasterização do disco de vinil editado pelo MOBREAL em 1978]

DANTAS, Felinto Lúcio. Felinto Lúcio Dantas. Disco de vinil 78 rpm. Rio de Janeiro: MOBREAL, 1978.

DANTAS, Felinto Lúcio. Felinto Lúcio Dantas. Disco de vinil 78 rpm. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Projeto Pró-Memória/ Banda do Catre, 1982.

DANTAS, Felinto Lúcio. João Lúcio Dantas. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Potyguar - Orquestra Sinfônica - RN. Cd áudio. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 2001.

DANTAS, Tonheca [Antonio Pedro Dantas]. Royal Cinema. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Projeto Pró-Memória/ Banda do Catre, 1983.

DANTAS, Tonheca. A desfolhar saudades. In: Banda de Música do 14º Regimento de Infantaria. Disco de vinil 78 rpm. João Pessoa: Gravação "Jangada"/Promoções Musicais do Nordeste, sem data.



DANTAS, Tonheca. A desfolhar saudades. In: Banda de Música do 14º Regimento de Infantaria. Disco de vinil 33 rpm, compacto, 10 pol. João Pessoa: Gravação “Jangada”/Promoções Musicais do Nordeste, sem data.

DANTAS, Tonheca. Delírio. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Potyguar - Orquestra Sinfônica - RN. Cd áudio. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 2001.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Banda de Música de Ontem e de Sempre. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. [ Sem lugar ]: Gravação “FENAB”/Federação das Associações Atléticas Banco do Brasil, 1983.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Banda de Música do 14º Regimento de Infantaria. Disco de vinil 78 rpm. João Pessoa: Gravação “Jangada”/Promoções Musicais do Nordeste, sem data.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Banda de Música do 14º Regimento de Infantaria. Disco de vinil 33 rpm, compacto, 10 pol. João Pessoa: Gravação “Jangada”/Promoções Musicais do Nordeste, sem data.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Ivanildo, o Sax de Ouro - Vol. 1. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. Rio de Janeiro: Companhia Industrial de Discos, 1979.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Músicas de Sempre. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. Rio de Janeiro: Gravação “Uirapuru”/Companhia Industrial de Discos, sem data.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Nação Potiguar. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 1999.

DANTAS, Tonheca. Royal Cinema. In: Quarteto de Cordas da UFRN. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Fundação de Pesquisa e Cultura, 1988.

FORROZEIRO, Marcelo. Forrozeiro do Nordeste Vol. I. Natal: J.C. Record, sem data.

FOTOGRAFIAS. Arquivo da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro e do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*. Acervo Particular de Márcio Dantas de Medeiros e dos familiares de Felinto Lúcio Dantas.

GUEDES, Carlos. Saudades. CD áudio. Cruzeta: Stúdios SAM, 2003.

LÚCIO, Paulo. Em solos de violão. Cruzeta: Stúdios SAM, 2003.

LÚCIO, Paulo. Violão Mágico. Cruzeta: Stúdios SAM, 2005.

MEDEIROS, Márcio Dantas de. Choro nº 2 - Astúcia do Tocador. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Banda de Cruzeta. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 2002.

MEDEIROS, Márcio Dantas de. Cruzeta revela Márcio Dantas. CD áudio. Cruzeta: Associação Musical de Cruzeta, 2004.

MEDEIROS, Márcio Dantas de. Fantasia nº 1 - Jardim de Primavera. In: PROJETO NAÇÃO POTIGUAR. Banda de Cruzeta. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 2002.

MEDEIROS, Márcio Dantas de. Jardins da Primavera (Fantasia nº 1). Natal: Fundação José Augusto, 2000. [ edição de partitura ]

MEDEIROS, Márcio Dantas de. Sertão em Festa (Fantasia nº 2). Fortaleza: Secretaria de Estado da Cultura e dos Desportos do Ceará, 2001. [ edição de partitura ]

## ***2. Obra de José de Azevêdo Dantas***

### *Caracterização*

José de Azevêdo Dantas foi um erudito que viveu entre o Sítio Xiquexique, a Povoação de Carnaúba (hoje, município de Carnaúba dos Dantas) e a cidade de Acari entre 1890 e 1929. Podemos dividir sua obra escrita em arqueológica, genealógica memorialística-historiográfica e artística, cujos trabalhos não foram publicados enquanto o autor ainda estava vivo. Dada a variedade de áreas do conhecimento pelas quais o autor passou em sua vida, e considerando não ser conhecida a existência de um erudito na região do Seridó nos anos 20 do século XX com tantos trabalhos escritos, consideramos importante o registro de sua obra como Patrimônio Imaterial de Carnaúba dos Dantas.



Fig. 16 Fotografia de José de Azevêdo Dantas reproduzida da única existente pela sobrinha e pintora Amélia Azevêdo. Acervo particular de Helder Macedo

### *Histórico*

A história de vida de José de Azevêdo Dantas é surpreendente. Mesmo com todos os interesses mencionados no item *Caracterização*, nunca frequentou escola formal. Segundo informações extraídas de seu diário pessoal nasceu em 23 de agosto de 1890, no Sítio Xiquexique, à época, pertencente ao vizinho município de Acari e hoje ao de Carnaúba dos Dantas. Filho de Manuel de Azevêdo Dantas e de Joana

Maria das Virgens era o irmão mais novo de Mamede de Azevêdo Dantas, Martiniano de Azevêdo Dantas e Olímpio de Azevêdo Dantas. Seu pai era agricultor, criador e pedreiro, enquanto que sua mãe, além dos afazeres domésticos, era pintora (segundo a tradição oral, pintava motivos sacros e religiosos em oratórios). Os rudimentos de escrita e leitura de nosso biografado foram aprendidos com os irmãos mais velhos, nas areias do Rio Carnaúba, que corta o Sítio Xiquexique. Daí por diante manifestou-se nele um desejo de aprofundar-se nas artes e na literatura. Porém, situações como a morte prematura da mãe, a seca de 1904 e a desilusão frente a um futuro incerto em termos financeiros o fizeram enveredar por várias ocupações como meio de sobrevivência: servente de alvenaria, carregador de lenha e de água, apanhador de algodão, músico, confeccionador de carimbos e comerciante de tecidos em sociedade com um amigo. Trabalhou, ainda, como empregado no comércio do Coronel Manuel Aleixo de Maria, em Currais Novos (1912); na construtora do Açude Gargalheiras, em Acari; no Campo de Demonstração que fazia medições de estradas, localizado em Macaíba e na Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS). Sua morte aconteceu na mesma casa em que nasceu, no Xiquexique, proveniente de tuberculose, em 29 de junho de 1929. Contava, então, com 38 anos.

### Descrição

José de Azevêdo iniciou suas pesquisas em sítios arqueológicos no ano de 1924, justamente na localidade Xiquexique, terra de seus pais, onde residia. Ali, no mês de setembro<sup>3</sup>, visitou os locais por ele denominados *Rochedo Pinturas* ou *Talhado das Pinturas*, *Rochedo do Xiquexique*, *Rochedo da Serra do Xiquexique* (3º rochedo) e

---

<sup>3</sup> As averiguações que fizemos com relação ao cronograma da pesquisa de José de Azevêdo Dantas se baseiam na observação do texto dos *Indícios* e das cópias dos grafismos rupestres dos sítios visitados, que, quase sempre, traziam a data da incursão. Treze dos setenta e quatro sítios anotados por José de Azevêdo, todavia, não trazem a data em que foram registrados, o que faz com que nossas cifras possam ser revistas um dia, caso venha à luz documentação que possa complementar as informações.



*Rochedo do Pau d'Arco*, que hoje correspondem aos Sítios Arqueológicos Xiquexique I, Xiquexique II, Abrigo do Morcego e Furna do Pau d'Arco, ambos com pinturas da Tradição Nordeste, Subtradição Seridó e Estilo Carnaúba<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A primeira vez de que temos conhecimento desses sítios sendo denominados com os nomes atuais se deu na publicação de artigos de Gabriela Martin (1982, 1984) na Revista *Clio*, da Universidade Federal de Pernambuco. Conforme MARTIN, Gabriela. Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. *Clio*: Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, n. 5, p. 55-78, 1982. Anual. ISSN 0102-6003 e MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. *Clio*: Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, v. 1, n. 6, p. 27-37, 1984. Anual. ISSN 0102-6003. (Série Arqueológica, n. 1).

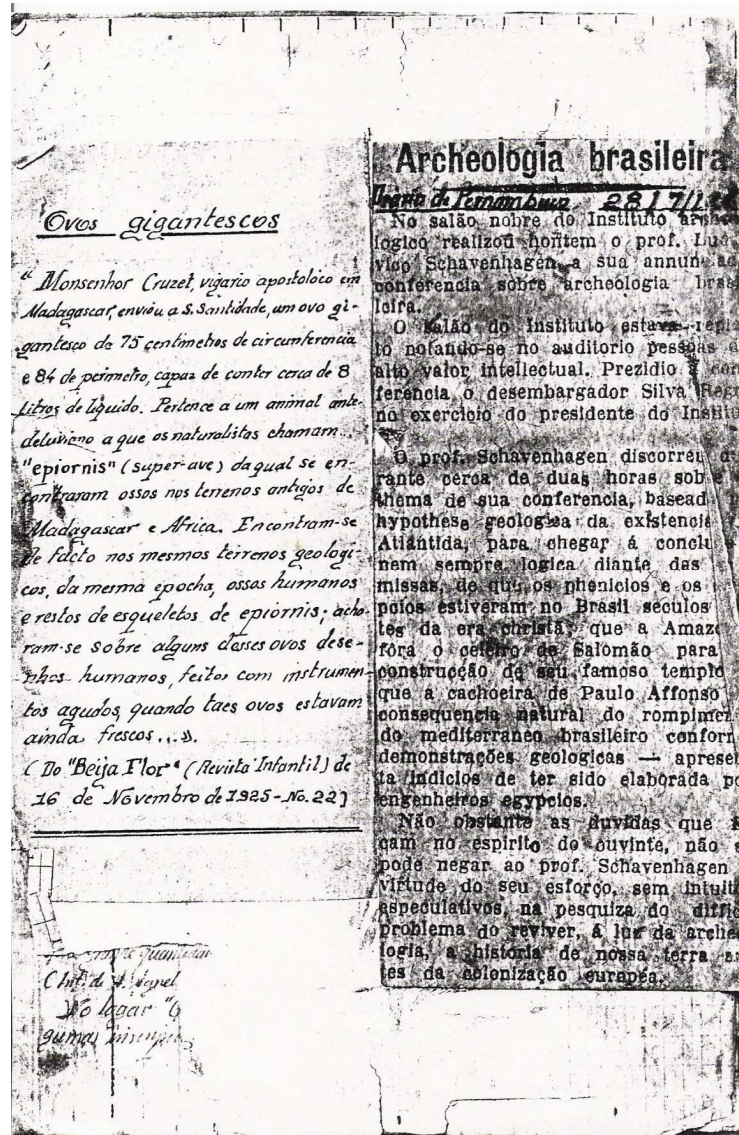


Fig. 17 Fragmento de caderneta arqueológica de José de Azevêdo Dantas. Acervo particular de Helder Macedo

No mês de outubro, “sobre a *canicula* abrasadora do verão, (...) de lápis e papel em punho galgando aquelles escabrosos penhascos”, José de Azevêdo visitou o Riacho do Bojo e o Riacho do Olho d’Água, onde, assim como nos pontos percorridos no Xiquexique, efetuou o registro dos lugares e a cópia a olho nu das inscrições. Habitualmente também fazia *croquis* da região, demonstrando onde se localizavam

os registros rupestres. Nesses últimos cursos d'água registrou inscrições nos lugares Rochedo do Bojo, Pedra nº 01 (Cachoeira do Bojo), Pedra nº 02, Pedra nº 03, Pedra nº 04, Cachoeira da Cruz e Grotta Funda, que, nos dias atuais, correspondem aos Sítios Arqueológicos Casa Santa, Cachoeira das Canoas III, Cachoeira das Canoas II, Cachoeira das Canoas I, Cachoeira do Letreiro, Cachoeira da Cruz e Grotta Funda, respectivamente. Até então, todas as incursões de José de Azevêdo tinham se dado no território da Povoação de Carnaúba, pertencente ao município de Acari (hoje, esse espaço corresponde ao município de Carnaúba dos Dantas).

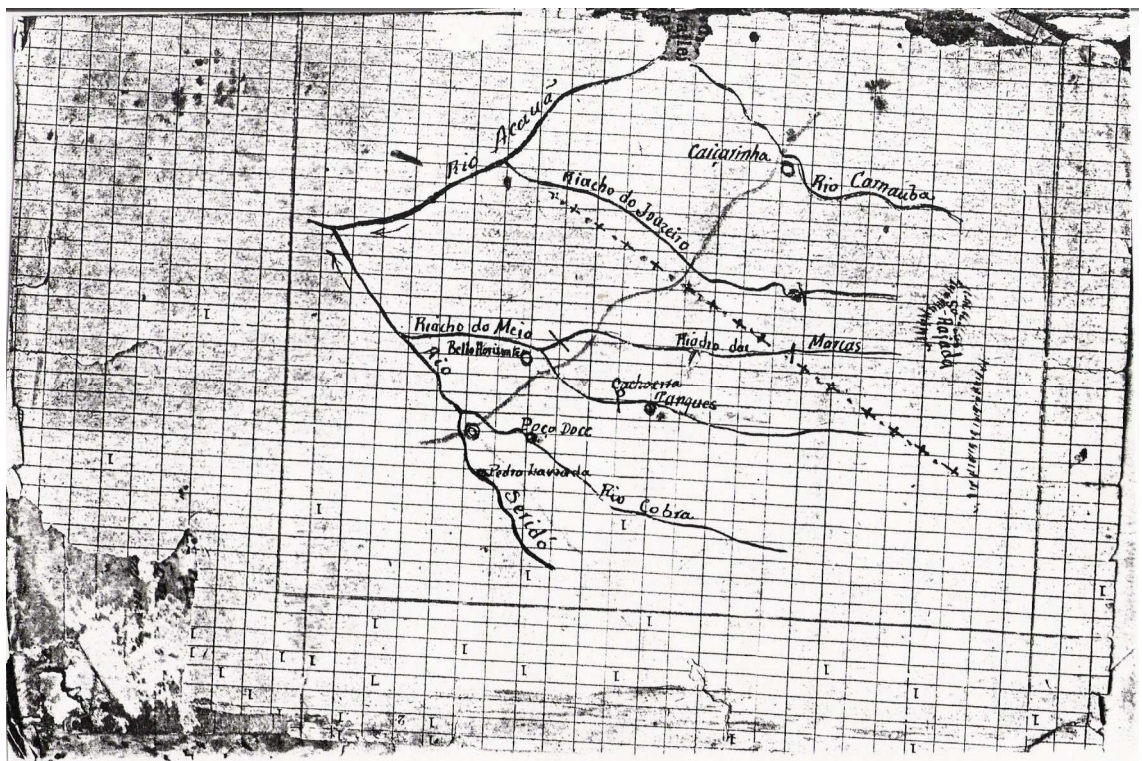


Fig. 18 Fragmento de caderneta arqueológica de José de Azevêdo Dantas (com localização de sítios arqueológicos em mapa). Acervo particular de Helder Macedo

Durante o mês de novembro destinou suas atenções para os vizinhos municípios de Parelhas e Picuí, onde visitou, no primeiro, os Tanques Grandes do Riacho de Santo Antonio (nascentes do Rio Cobra) e no segundo as Cachoeiras dos



Tanques, da Caiçara do Campo e do Saco do Campo (hoje fazem parte do município de Frei Martinho), dos quais suas gravuras foram copiadas.

Em dezembro voltou para o município de Acari onde passou pelo Riacho da Canoa, próximo ao lugar Pitombeira e depois em seis pedras no Rio Acauã, perto do Gargalheiras (ambas as pedras localizadas após a instalação para a construção da barragem que viria a chamar-se, nos anos 50, Açude Marechal Dutra). Novamente continuou suas viagens indo pelo município de Picuí, onde visitou a Cachoeira do Retiro (hoje, município de Pedra Lavrada). Ainda em dezembro esteve pelo Rochedo do Boqueirão de Parelhas (hoje, Sítio Arqueológico do Mirador), onde pôde contemplar e copiar seus grafismos rupestres, assim como nos pontos anteriores. No mês de janeiro de 1925 visitou várias cachoeiras no Riacho do Piauí, ainda no município de Acari, onde copiou suas gravuras. Com a chegada do inverno e “em vista de outras circunstâncias de natureza particular” foi forçado a suspender as pesquisas. Trata-se do momento em que escreveu o texto *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*<sup>5</sup>, que introduz as cópias dos grafismos rupestres, onde comenta os pontos visitados e estabelece suas conclusões acerca da origem e significado das inscrições.

---

<sup>5</sup> A partir de agora as referências que fizermos ao texto dos *Indícios* serão baseadas em uma cópia conseguida junto ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 2002, feita a partir de outra cópia do manuscrito original, datado dos anos 20 e depositado naquele instituto.



Fig. 19 Imagens de pinturas copiadas por José de Azevêdo Dantas na Pedra do Alexandre. Fonte: Indícios de uma Civilização Antiquíssima

As pesquisas de José de Azevêdo somente reiniciaram em julho de 1926, estendendo-se até o mês de novembro. Durante esse interstício, visitou as gravuras dos Tanques (próximos ao Riacho do Meio) e da Pedra Lavrada do Seridó, ambos no município de Jardim do Seridó; as pinturas da Pedra do Alexandre, do Rochedo da Serra Nova (hoje, conhecido como Furna dos Caboclos), de dois pontos na Volta do Rio (hoje, equivalem aos Sítios Arqueológicos Casa de Pedra ou Sibil e Gruta do Criminoso), além das gravuras da Cachoeira Escondida, próxima ao Riacho Fundo, ambos os pontos nas circunvizinhanças da Povoação de Carnaúba; as gravuras dos Tanques do Rio Carnaúba, já em município de Acari e as pinturas da Fazenda Santo Antonio, no município de Campina Grande.



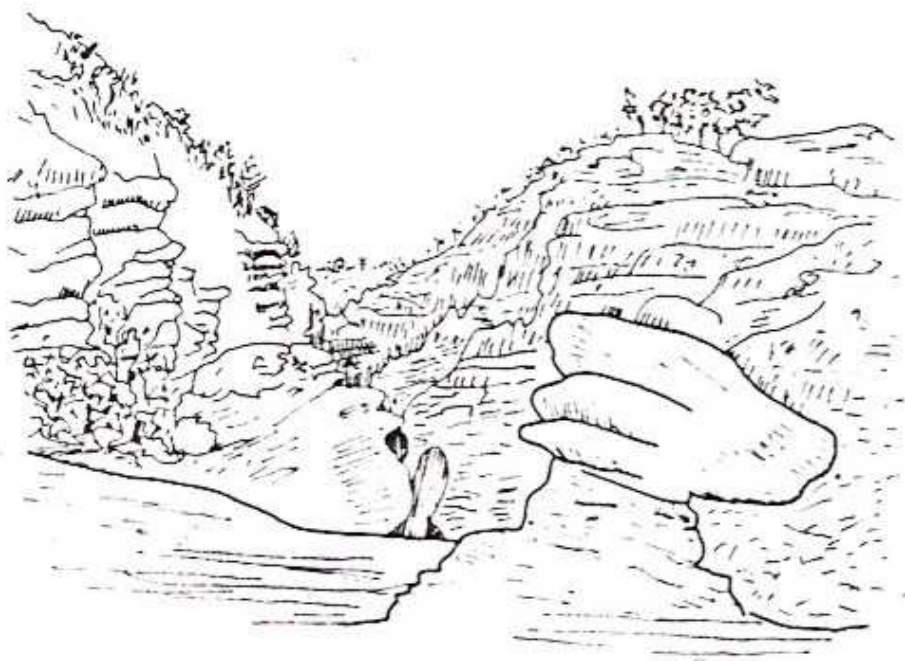


Fig. 20 Desenho da Cachoeira do Chapéu feito por José de Azevêdo Dantas nos anos 20. Fonte: Indícios de uma Civilização Antiquíssima

O ano de 1927 corresponde ao período em que suas pesquisas mais se intensificaram: entre janeiro e novembro desse ano José de Azevêdo registrou trinta lugares portando pinturas ou gravuras rupestres, situados, nos dias atuais, nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Parelhas, São Vicente, Santana do Matos, Currais Novos, Pedra Lavrada e Campina Grande (os dois últimos, no estado da Paraíba).

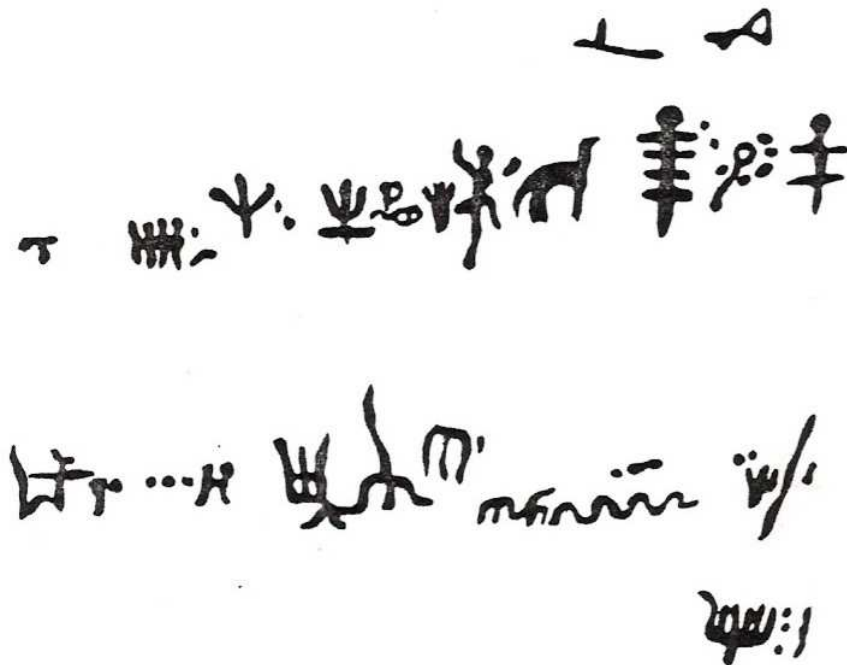


Fig. 21 Imagens de gravuras colhidas por José de Azevêdo Dantas no Riacho do Bojo. Fonte: *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*

No texto *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, escrito em fevereiro de 1925 e que introduz o seu livro com registros rupestres, José de Azevêdo teve a humildade de reconhecer que não foi uma “descoberta”<sup>6</sup> sua a existência desses locais, já que seus ancestrais e mesmo as pessoas da região costumeiramente falavam de “letras’ feitas pela própria natureza ou pelo ‘Divino Mestre quando andou no Mundo, se assim é que foram ellas gravadas com o dedo na dureza da rocha”<sup>7</sup> ou de antigas

<sup>6</sup> Os termos aspeados usados neste parágrafo foram todos retirados do texto *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, de DANTAS (1994), que aparecem apenas entre aspas e sem número de página considerando que a citada publicação não é paginada. Conforme DANTAS, José de Azevêdo. **Indícios de uma civilização antiquíssima**. João Pessoa: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura/Fundação Casa de José Américo/IHGPA/União, 1994 (Biblioteca Paraibana, n. XI). 316 p.

<sup>7</sup> José de Azevêdo refere-se, aqui, às gravuras também conhecidas como incisões ou itaquatiras, inscrições feitas geralmente em baixo relevo nos cursos d’água.

“figuras dos caboclos”<sup>8</sup>.



Fig. 22 Fotografia original de José de Azevêdo Dantas, anexa aos "Indícios". Acervo do IHGPB. Foto: Marcos Galindo

Entretanto, o citado pesquisador não se deixou levar por essas opiniões, tampouco pelas que afirmavam serem as pinturas “obra do ‘gentio’ ou do

---

<sup>8</sup> Nesse ponto o pesquisador refere-se às pinturas, geralmente executadas com tinta vermelha e amarela em abrigos sob rocha e matacões nas proximidades dos cursos d’água.

‘Flamengo’”. Examinando as inscrições dos diversos pontos visitados no ano de 1924, concluiu que “não se trata da existencia do gentio brasileiro” e sim dos “vestígios mais palpáveis de uma civilização prehistorica, cuja existencia perde-se na profunda noite dos tempos”. Segundo Gabriela Martin as conclusões de José de Azevêdo se mostraram bastante avançadas para o seu tempo ou, pelo menos, para os estudos que se desenvolviam sobre vestígios pré-históricos no Nordeste. Nos anos 10 e 20, por exemplo, o austríaco Ludovico Schwennhagen<sup>9</sup> andou pelos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí realizando pesquisas em busca de “perdidas civilizações mediterrâneas”, tendo concluído que as inscrições rupestres e outros monumentos presentes no território por ele visitado eram de origem fenícia<sup>10</sup>. O mais curioso é que, nas suas andanças pelo Nordeste, Schwennhagen veio parar na região do Seridó, especificamente na cidade de Acari, onde chegou a conversar com José de Azevêdo<sup>11</sup>. Gabriela Martin, na apresentação de *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, comenta que

Como o título de ‘Um encontro inesperado’, relata a visita a Acari do austríaco Schwennhagen, ‘o célebre cientista e mineralogista Ludovico Schwennhagen que aqui esteve em viagem de estudos na região seridoense, sobre pesquisas prehistóricas e mineralógicas; com o mesmo entretive uma hora de palestra sobre as inscrições pectrolyphicas do Seridó. O professor saíu bastante impressionado tendo eu fornecido-lhe uma pequena cópia das

---

<sup>9</sup> Os estudos de Ludovico Schwennhagen foram publicados em jornais de circulação de alguns dos estados por onde passou, além de terem sido compilados em sua obra *Antiga História do Brasil de 1100 a.C. a 1500 d.C.*, cuja primeira edição saiu em Teresina-PI no ano de 1928 e a segunda pela Editora Cátedra, do Rio de Janeiro, em 1970 (Conforme Gabriela Martin, “Pré-História do Nordeste do Brasil”. 3. ed. atual. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999, p. 31). Para um maior conhecimento da obra do citado professor austríaco e suas visitas no Rio Grande do Norte, consultar MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Os fenícios do Professor Chovenágua**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 2004. (Col. Mossoroense, Série C, v. 1428).

<sup>10</sup> MARTIN, 1999, 31-2 p.

<sup>11</sup> É também Gabriela Martin que afirma que, em seu livro *Antiga História do Brasil de 1100 a.C. a 1500 d.c.* o Professor Ludovico Schwennhagen se refere a José de Azevêdo Dantas como “o agricultor e desenhista José Azevedo” (1999, 32 p.).



inscrições e um croquis do Nordeste Brasileiro que o mesmo achou ser um trabalho bem aperfeiçoado'.<sup>12</sup>

Gabriela Martin também afirma, na apresentação dos *Indícios*, que José de Azevêdo antecipou-se em cerca de cinqüenta anos ao estabelecimento das *tradições* de arte rupestre no Brasil, já que percebia, a princípio, “duas civilizações, dous povos diferentes”<sup>13</sup>, sendo que “as figuras humanas e de animaes gravados a tinta vermelha se acham completamente separados dos hyeroglyphos cavados nas rochas. Alem disso estes se encontram commumente nos rochedos e lagedos das cachoeiras e quedas d’agua, em leito de rios e riachos e aquellas exclusivamente nos altos rochedos das encostas, principalmente onde existe funda concavidade”.



Fig. 23 Mamede de Azevêdo Dantas e esposa Teodora Maria de Jesus, que guardaram o acervo de José de Azevêdo após sua morte (1929). Acervo particular de Helder Macedo

---

<sup>12</sup> In DANTAS, 1994, s/p.

<sup>13</sup> Os termos aspeados usados neste parágrafo foram todos retirados do texto *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, de DANTAS (1994), que aparecem apenas entre aspas e sem número de página considerando que a citada publicação não é paginada.



Percebemos que José de Azevêdo refere-se, quando fala de “figuras humanas e de animaes gravados a tinta vermelha”, às pinturas da Tradição Nordeste, geralmente localizadas em abrigos sob rocha na meia encosta das serras. E, ao nomear “hyeroglyphos cavados nas rochas”, encontrados “commumente nos rochedos e lagedos das cachoeiras e quedas d’agua”, às gravuras da Tradição das Itaquatiaras. José de Azevêdo não descartava, porém, a hipótese desses grafismos serem oriundos de “uma unica civilização”. Segundo o autor, “Veio me esclarecer nesse ponto algumas ligeiras inscripções ao lado de desenhos humanos correspondentes aos que se acham gravados em baixo-relevo”. Provavelmente, referia-se a pinturas semelhantes à Tradição Agreste, que freqüentemente aparecem lado a lado com gravuras.



Fig. 24 Lâmina 11 dos "Indícios", original de José de Azevêdo Dantas. Acervo do IHGPB. Foto: Marcos Galindo

O *calhamaço* de 307 lâminas com o texto introdutório a que já aludimos e a cópia das pinturas e gravuras rupestres, após a morte de José de Azevêdo, foi doado pelo seu irmão mais velho, Mamede de Azevêdo Dantas, ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGPB). Essa doação, formalizada em carta escrita na Povoação de Carnaúba em 22 de dezembro de 1929 (que antecede o volume dos *Indícios*), foi intermediada pelo médico paraibano Flávio Maroja Filho, sócio daquele

instituto e que no período de 1927 a 1932 esteve clinicando em Carnaúba.

A primeira referência escrita de que dispomos sobre a obra de José de Azevêdo é um artigo de autoria do Cônego Dr. Florentino Barbosa, intitulado *Inscrições indígenas gravadas no Rochedo do Bojo*, que foi publicado na Revista do IHGPB em 1953.



Fig. 25 Lâmina 15 dos "Indícios", original de José de Azevêdo Dantas. Acervo do IHGPB. Foto: Marcos Galindo



Barbosa chama atenção para o “trabalho curiosíssimo realizado por um desenhista primoroso qual era o sr. José Azevedo”, feito “no afan de trasladar aqueles sinais enigmáticos reveladores, segundo diz êle, de uma civilização prehistórica antiqüíssima”<sup>14</sup>, além de lamentar a indisponibilidade de verbas do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba que pudessem ser capazes de levar o manuscrito à publicação. Junto com suas assertivas sobre o manuscrito de José de Azevêdo, Barbosa publicou um dos desenhos constantes no manuscrito.

---

<sup>14</sup> BARBOSA, Florentino. Incrições indígenas gravadas no Riacho do Bojo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa, v. 12, p. 109-12, 1953. Anual.p. 111.



Fig. 26 Lâmina 9 dos "Índios", original de José de Azevêdo Dantas. Acervo do IHGPB. Foto: Marcos Galindo

No mesmo ano, no Rio Grande do Norte, discutia-se o desmembramento da Vila Carnaúba (antiga Povoação de Carnaúba) do vizinho município de Acari. Examinando a documentação manuscrita da Câmara Municipal de Acari, relativa às atas das sessões legislativas onde foi debatido o assunto da criação do município de Carnaúba dos Dantas, encontramos uma alusão a José de Azevêdo Dantas. Tal referência foi feita no pronunciamento de Olavo Lamartine, então vereador, que



defendia a criação do novo município desmembrando-o do território de Acari. Ao falar de algumas personalidades importantes da Vila Carnaúba, rememorou da seguinte forma a trajetória da pesquisa de José de Azevêdo:

Vejam senhores vereadores se podemos chegar ao fim, calando nomear uma criatura que em vida, foi um incompreendido, avaliado por muitos como um louco. Que se busque nos arquivos do Instituto Histórico da Paraíba e o seu nome tem destaque e os seus trabalhos são guardados no carinho, para consulta daqueles que se dedicam, em traduzir a historia barbara da pátria. José Azevedo Dantas, escreveu desenhando, copiando para o papel os sinais petroglifos, que os selvagens gravaram nas nossas pedras, registrando milhares de documentos interessantes, denunciando os aspectos sociais de uma raça extinta<sup>15</sup>.

Conforme informação prestada pelo ex-prefeito Valdemar Cândido de Medeiros<sup>16</sup>, o primeiro administrador constitucional de Carnaúba dos Dantas, Anatólio Cândido de Medeiros e ele próprio, em suas administrações, remeteram diversos ofícios ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, objetivando negociar o retorno do manuscrito para a terra de origem de José de Azevêdo. Todas as tentativas de trazer o manuscrito para Carnaúba dos Dantas, no entanto, não lograram êxito.

Os carnaubenses de fato só conheceram a extensão do manuscrito presente no IHGPB em 1995, durante a *Exposição José de Azevedo Dantas*, realizada nesse ano pelo NEA da UFPE, com apoio da Prefeitura Municipal de Carnaúba dos Dantas. O lançamento da exposição ocorreu em 22 de outubro, quando também foi lançado *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, na presença da Professora Gabriela Martin, que também fez a apresentação do livro. A publicação da obra no final de 1994

---

<sup>15</sup> Conforme Pronunciamento de Olavo Lamartine de Faria, de 24/11/1953, constante na Ata da 29ª Sessão Extraordinária da Câmara Municipal de Acari, de 24/11/1953. In: PODER LEGISLATIVO DO RIO GRANDE DO NORTE. Processo nº 453/53, Lei nº 1.028/53, sancionada em 11/12/1953 e publicada em 12/12/1953 com ementa “Cria o município de ‘Carnauba dos Dantas’ desmembrado do de Acari” (cópia conseguida junto ao Arquivo da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, Natal-RN).

<sup>16</sup> Informação pessoal prestada em 21/fev/1999.

somente foi possível através de um convênio firmado entre a Fundação Casa de José Américo e o NEA da UFPE, em parceria com o IHGPB<sup>17</sup>. Sua estrutura inicia com a apresentação de Gabriela Martin, o texto do próprio José de Azevêdo (escrito em fevereiro de 1925) e as pinturas e gravuras rupestres por ele copiadas nos sertões paraibano e potiguar, transcritas para o livro por alunos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco a partir de uma cópia dos originais depositados em João Pessoa. Por razões que desconhecemos, a edição dos *Indícios* excluiu as lâminas de nº 11, 27 e 29 do original, que traziam imagens dos Sítios Xiquexique I e II, fato também percebido pelo jornalista espanhol Pablo Vilarrubia Mauso ao comparar o manuscrito depositado em João Pessoa e a publicação.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> A obra foi aprovada pelo Conselho Estadual de Cultura da Paraíba e incluída na Série Biblioteca Paraibana sob o volume nº XI.

<sup>18</sup> Conforme Pablo Vilarrubia Mauso, “Mistérios do Brasil” (1997, p. 282-90).



Fig. 27 Exposição Arqueológica José de Azevêdo Dantas (1995). Acervo particular de Helder Macedo

José de Azevêdo deixou, ainda, uma caderneta de anotações arqueológicas que, de certa forma, complementa os *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*. Nela anota a localização de inscrições rupestres nos municípios de Picuí, Santa Luzia, Campina Grande, entre São Bento e Araruna (ambos na Paraíba), Currais Novos, Flores (hoje, Florânia), Caicó e Santa Cruz (no Rio Grande do Norte). No tocante à Paraíba, menciona a existência das Pedras da Boca, da Confusão e do Oratório, no Rio do Calabouço, portando inscrições rupestres. Na caderneta ainda retrata a descoberta de fósseis na Fazenda Santo Antonio (entre a Vila de Pocinhos e a cidade de Campina Grande, na Paraíba) e de um artefato encontrado no Sítio Cacimbinha, da Serra da Dorna. Interessante, também, é a descrição das eras geológicas, que aparecem em resumo no final do pequeno caderno de anotações, a partir do livro

*Historia Natural*, da Collecção F.T.D. - Curso Superior. A caderneta ainda traz dois mapas, um de localização de inscrições rupestres na Serra da Coruja e redondezas (abarca os municípios, à época, de Picuí e Parelhas) e outro contendo os Riachos do Meio e das Marcas e os Rios Seridó, Cobra, Carnaúba e Acauã, incluindo os pontos com grafismos. Essa preciosa relíquia esteve, por certo tempo, em poder do Dr. Carlos José Archanjo - também sobrinho de José de Azevêdo Dantas e professor da USP -, que a doou, recentemente, para ser incorporada ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Mas, nem só de pesquisas arqueológicas ocupou-se José de Azevêdo. A partir de interesse em desvendar mistérios da grande família descendente do Patriarca Caetano Dantas Corrêa, escreveu uma *Genealogia da família Dantas*, cuja cópia xerográfica de parte desse manuscrito encontra-se no Arquivo Particular de Dom José Adelino Dantas, no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias. Apresenta um relato sobre a pessoa de Caetano Dantas e seus descendentes, chegando a enumerar filhos e netos do patriarca. Encontramos muitas das informações dessa *Genealogia* na obra *Velhas Famílias do Seridó* (1981), do historiador Olavo de Medeiros Filho. Não sabemos, nos dias atuais, qual o paradeiro do original deste manuscrito com informações genealógicas.

José de Azevêdo também chegou a editar, entre os anos 10 e 20 do século XX, dois jornais manuscritos, quinzenais, que tinham, além dele como redator principal, colaboradores diversos. Um deles era *O Momento* - jornal dedicado à vida sertaneja, que trazia relatos baseados na oralidade e em fontes manuscritas a respeito de histórias, lendas e causos acontecidos com antigos sertanejos. Parte das edições originais desse jornal - assim como de outro, editado na mesma época, denominado *O Raio - Jornal Independente* - esteve em poder, durante algum tempo, de Dom José Adelino Dantas. Em 1967 este remeteu os preciosos manuscritos ao historiador Pedro

Arbués Dantas, que datilografou alguns números de *O Momento* e posteriormente devolveu ao bispo-historiador os originais, que, nos anos 80, os deu à Professora Gabriela Martin, da Universidade Federal de Pernambuco, que detém, ainda hoje, a sua guarda. Graças ao laborioso trabalho do historiador Pedro Arbués Dantas, ficamos conhecendo alguns artigos de *O Momento*, datilografados, que se encontram no Arquivo Particular de Dom José Adelino Dantas. Um desses artigos o citado historiador publicou dentro do documentário *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*, organizado por Donatilla Dantas. Falando a respeito desses dois jornais, afirma a Professora Gabriela Martin que “Numa mescla de erudição, ingenuidade, sincero moralismo e amor à terra sertaneja, o autor nos informa sobre política, festas religiosas, visitantes ilustres, notícias locais e até internacionais, estampando nos seus curiosos jornais sua fé no progresso pela educação, para os tempos futuros.”<sup>19</sup>

Tinha os sentidos aguçados para as artes, o que pode ficar evidenciado em vários croquis de paisagens contendo os sítios arqueológicos, inclusas nos *Indícios*. Além disso, deixou um caderno com caricaturas, que ficara em poder de sua sobrinha, a pintora Amélia Azevêdo (Melhinha), junto com um diário pessoal (contendo o cotidiano de sua vida entre 1893 e 1928) e um outro contendo anotações meteorológicas. Ambos os manuscritos foram doados por Amélia Azevêdo, também, à Professora Gabriela Martin, que ainda detém a posse dos mesmos. Um outro manuscrito de José de Azevêdo, porém, Amélia Azevêdo deixou em posse de sua irmã, Josefa Tomázia (Deta de Miguel Azevêdo). Esta passou o documento para a filha, Lourdes Azevêdo da Costa, que nos deixou, antes de sua morte, na responsabilidade de guardar tal relíquia. Referimo-nos a um pequeno diário de quando José de Azevêdo trabalhou no Campo de Demonstração de Macaíba, medindo e demarcando a estrada com direção ao Seridó; dentro dessa caderneta

---

<sup>19</sup> In DANTAS, 1994, s/p.



encontra-se, também, a descrição de uma viagem que o mesmo fez de Macaíba ao Sertão do Seridó, descrevendo a paisagem e os costumes das pessoas por onde passou.

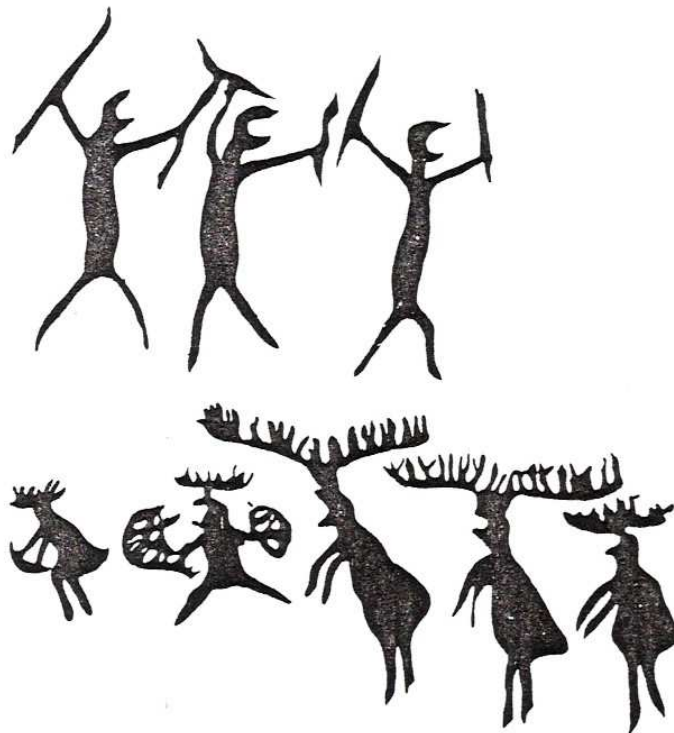


Fig. 28 Imagens de pinturas colhidas por José de Azevêdo Dantas na Lagoa da Malhada da Pedra. Fonte: Índícios de uma Civilização Antiquíssima

Nos anos 50 a Vereadora Desidéria Dantas prestou uma homenagem ao nosso biografado ao denominar de *Rua José Azevêdo* uma das artérias que se localiza no centro da cidade de Carnaúba dos Dantas. Também um grupo escolar - hoje, desativado - situado no Sítio Xiquexique, guarda o nome de *José Azevêdo*, já que foi nesse lugar que se deu o nascimento e a passagem para outro mundo do gênio das selvas carnaubenses.

### *Bens Relacionados*

Manuscritos e cópias de originais presentes nos Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (João Pessoa-PB), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Natal-RN) e do Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias (Carnaúba dos Dantas-RN), bem como no Acervo Particular de Gabriela Martin Ávila (Recife-PE) e Helder Alexandre Medeiros de Macedo (Carnaúba dos Dantas-RN).

### *Intervenções*

A intervenção mais marcante na obra de José de Azevêdo Dantas foi a publicação, em 1994, dos *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*. Infelizmente, grande parte dos carnaubenses desconhece o restante da obra de José de Azevêdo, vez que nunca foi publicada - à exceção dos *Indícios* e de um artigo de *O Momento* - e encontra-se em acervos particulares. Torna-se necessário, no futuro, que possa se reunir os diversos trabalhos de José de Azevêdo Dantas num só volume, de modo que os carnaubenses e mesmo os seridoenses possam ter acesso a sua obra.

### *Referências*

ASSIS, João Batista Lucena de. ; MEDEIROS, Juçara. Registro de cinco sítios arqueológicos não explorados dos municípios de Carnaúba dos Dantas e Timbaúba dos Batistas. 1997. 61 p. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó.

BARBOSA, Florentino. Inscrições indígenas gravadas no Riacho do Bojo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. João Pessoa, v. 12, p. 109-12, 1953. Anual.

DANTAS, José de Azevêdo. Índícios de uma civilização antiqüíssima. Povoação de Carnaúba [ Acari ], 1924-7. 200 p. (cópia xerográfica do original existente no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, João Pessoa).

DANTAS, José de Azevêdo. Índícios de uma civilização antiqüíssima. João Pessoa: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura/Fundação Casa de José Américo/IHG/PB/A União, 1994 (Biblioteca Paraibana, n. XI). 316 p.

DANTAS, José de Azevêdo. Inscrições lapidares no município de Picuhy. [S. l.], [S. d.]. 12 p. (cópia do original do Arquivo Particular de Carlos José Archanjo, hoje presente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em Natal-RN).

DANTAS, José de Azevêdo. Notas de José de Azevêdo Dantas em 1916. [ S. l. ]: 1916. 25 p. inclui 1 cartão de visita e 1 bilhete escrito por Josefa Tomázia de Azevêdo. (Arquivo Particular de Helder Alexandre Medeiros de Macedo).

FUNDAÇÃO SERIDÓ. Ata da reunião de fundação, eleição e posse da diretoria e aprovação do estatuto Fundação Seridó. Realizada em 29 de julho de 1996. Livro de Protocolo A-1, p. 11v, nº 116, do Cartório Único Judiciário de Carnaúba dos Dantas.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de Macedo. Expedições arqueológicas em Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte, Brasil: resultados das prospecções realizadas entre 1996 e 1997. Cadernos do CEOM - Unochapecó. Chapecó, SC, n. 18, 2004. Anual.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. [José de Azevêdo Dantas: lembrando os 70 anos do início das pesquisas do primeiro arqueólogo do Seridó Potiguar em Carnaúba dos Dantas](#). Mneme - Revista Virtual de Humanidades: Dossiê Arqueologias Brasileiras. Caicó, v. 5, n. 13, dez. 2004/ jan. 2005. Bimestral. ISSN 1518-3394. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>. Acesso em 14 de jun. 2005.

MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. *Clio: Revista do Curso de Mestrado em História*. Recife, v. 1, n. 6, p. 27-37, 1984. Anual. ISSN 0102-6003. (Série Arqueológica, n. 1)

MARTIN, Gabriela. Apresentação. *In*: DANTAS, José de Azevêdo. *Indícios de uma civilização antiqüíssima*. João Pessoa: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura/Fundação Casa de José Américo/IHG/PB/A União, 1994 (Biblioteca Paraibana, XI). não pag.

MARTIN, Gabriela. Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. *Clio: Revista do Curso de Mestrado em História*. Recife, n. 5, p. 55-78, 1982. Anual. ISSN 0102-6003.

MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3. ed. atual. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999. 440 p.

MAUSO, Pablo Villarrubia. *Mistérios do Brasil: 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta*. São Paulo: Mercuryo, 1997. 320 p.

RIO GRANDE DO NORTE. Poder Legislativo. Processo nº 453/53, Lei nº 1.025/53, sancionada em 11/12/1953 e publicada em 12/12/1953: “Cria o município de ‘Carnauba dos Dantas’ desmembrado do de Acari” (ementa). Natal, 1953. 15 p. (Arquivo da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, Natal-RN)

SOUZA, Maurina Sampaio ; MEDEIROS, Osmar. *Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte*. Natal: PRAEU/Museu Câmara Cascudo, 1982. (Col. Textos Acadêmicos, ano 2, n. 214).

### *Mídias*

FOTOGRAFIA de José de Azevêdo Dantas. Acervo Particular de Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

### ***3. Obra de Donatilla Dantas***

#### *Caracterização*

Donatilla Dantas foi uma escritora que nasceu no Sítio Xiquexique, município de Carnaúba dos Dantas-RN e que viveu a maior parte da sua infância em João Pessoa/PB, tendo passado a maturidade e últimos dias no Rio de Janeiro e em Brasília. Grosso modo, podemos dividir sua obra - publicada em vida - em poética e memorialística, havendo trabalhos inéditos nesses dois gêneros. Tida pela maioria dos carnaubenses como uma de suas maiores inteligências, teve participação na fundação do Horto Florestal e na captação de recursos para a construção da estrada de rodagem Carnaúba-Picuí, além de ter fundado, em 1947, a biblioteca que hoje leva o seu nome.





Fig. 29 Donatilla Dantas. Acervo particular de Maria Desidéria de Medeiros  
*Histórico*

A narrativa da vida de Donatilla Dantas é emocionante e triste, considerando o sofrimento na infância vivida pela menina que nasceu no Sítio Xiquexique em 30 de junho de 1913, sendo filha de Cassimiro Alberto Dantas e Maria Isabel de Araújo. Ficou órfã de pai muito cedo e aos cinco anos de idade foi morar com a irmã de seu padrasto Antonio Zuca, conhecida como Joana Zuca em Nova Cruz-RN, nas mãos de quem passou horríveis sofrimentos. Fugiu de casa e passou certo tempo como menina de rua, isto já em João Pessoa/PB, quando foi acolhida pela família Viana Costa, por quem foi criada. A vida literária de Donatilla Dantas iniciou em 1938, quando morava no Rio de Janeiro com a família Viana Costa. Nesse ano publicou três poemas escritos quando tinha 12 anos de idade e residia ainda em João Pessoa. Daí por diante, interessou-se pela literatura e escreveu dois livros, além de inúmeras

poesias, sonetos e poemas, chegando a ganhar três concursos de poesias realizados em 1955.

Forte e múltipla figura humana, Donatilla trabalhou, em Brasília, no Tribunal Superior Eleitoral, chegando a exercer o cargo de Secretária do Presidente do TSE, Ministro Antônio Carlos Lafayete de Andrada, além da chefia do Serviço de Comunicações. Faleceu em 1994, em Brasília.

#### *Descrição*

O primeiro livro de Donatilla Dantas, que compõe sua obra poética, foi *Candango* (1959), coletânea de poesias em que exaltava os trabalhadores que construíram Brasília e o alvorecer da nova capital da república brasileira. O livro foi lançado e autografado em 21 de abril de 1960, nos jardins do Palácio do Planalto, data da inauguração da nova capital do Brasil. Em 1987 publicou seu segundo livro, *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*. Trata-se de um livro-documentário, onde constam fotografias e documentos históricos do período de 1928 a 1987 a respeito de Carnaúba dos Dantas, abrangendo, ainda, nas palavras de sua autora,

seu povo, sua FÉ EM DEUS, seus heróis reconhecidos e anônimos, seus benfeitores, seus governantes, suas tradições, suas velhas figuras que fizeram história, seu decantado MONTE DO GALO, seu MONUMENTO A CAETANO DANTAS, sua BIBLIOTECA PÚBLICA, seu HORTO FLORESTAL, seu tradicional GRUPO ESCOLAR CAETANO DANTAS, sua música, seus minérios e seus artistas<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Conforme Donatilla Dantas, “Carnaúba dos Dantas - Terra da Música”, Apresentação das peças do documentário.



Fig. 30 Inauguração da Biblioteca Pública de Carnaúba (1947), posteriormente denominada de "Donatilla Dantas". Acervo particular de Elisabete Dantas de Araújo

Na verdade, o documentário sobre Carnaúba dos Dantas está intimamente ligado à vida da autora. Podemos dizer, inclusive, que faz parte da vida dela, vez que das suas três vindas ao município (1949, 1957 e 1982) resultaram inúmeros textos de observação sobre os costumes e as pessoas, além de farta documentação iconográfica e mesmo epistolográfica, que são a base documental de constituição do livro. Segundo Donatilla, a idéia de escrever um livro sobre sua terra nasceu em 1982, quando retornou a Carnaúba dos Dantas e ficou “encantada com o seu progresso, com a sua face modificada e o seu corpo fortalecido”<sup>21</sup>. Foi nesse ano, também, que reencontrou Dom José Adelino Dantas - seu guia espiritual -, a quem a autora

---

<sup>21</sup> Conforme Donatilla Dantas, “Carnaúba dos Dantas - Terra da Música”, Apresentação das peças do documentário.

dedicou o livro, que teve o prefácio escrito pelo Poeta General Umberto Peregrino e a orelha pelo Desembargador Ernesto Borges.



Fig. 31 Objetos pessoais de Donatilla Dantas. Acervo da Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas

O livro se estrutura três partes, antecedidas por *Algumas declarações da autora* e a *Apresentação das peças do documentário*. A *Parte I* corresponde à *Abertura do livro*, enquanto a *Parte II* é composta de *Depoimentos vários*. Na *Parte III* está o cerne das atenções da autora, que são dezessete capítulos falando de Carnaúba dos Dantas e de sua cultura e de sua vida pessoal e profissional em Brasília. O último dos capítulos corresponde à conclusão do livro e agradecimentos. *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música* é obra fundamental para quem está interessado em conhecer um pouco mais sobre a história e a cultura local, a julgar pelo seu caráter de documentário.

Muitas foram as colaborações de Donatilla para a sua terra natal no terreno da cultura. A primeira delas foi a fundação da Biblioteca Pública de Carnaúba, em 21 de dezembro de 1947. A cerimônia de fundação foi feita no Salão Nobre do Grupo Escolar Caetano Dantas e para esta Donatilla foi representada por seu primo José Próspero Dantas. A biblioteca representou um importante marco na história da então Vila Carnaúba; tratava-se da segunda casa de cultura oficial, destinada a formar leitores e cultores do saber. Inicialmente o acervo bibliográfico ficou alocado nos fundos da residência do casal José Estevam Filho e Desidéria Dantas, até que foi deslocado para o seu prédio próprio nos anos 50, onde permanece até hoje. Hoje a biblioteca pertence institucionalmente à Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas. Ainda na década de 50 teve influência direta enquanto idealizadora do Horto Florestal - projeto que foi apresentado à Câmara Municipal de Carnaúba dos Dantas pela sua irmã Desidéria Dantas - à época vereadora -, tendo sido aprovado pelo corpo de edis e sancionado pelo Prefeito Anatólio Cândido de Medeiros. Junto ao Governo Federal, pela mesma época, conseguiu viabilizar recursos para a construção da estrada de rodagem Carnaúba-Picuí, que foi possibilitada através da iniciativa do então Presidente da República, João Café Filho.

Segundo informação prestada pela psicóloga Marlene Estevam Dantas Calheiros, sobrinha de Donatilla Dantas, a autora teria deixado seis livros em preparação, ainda hoje inéditos: *Buanara Faz Renda* – poesias sobre Brasília; *Eu Fui Candango* – poesias e histórias; *Cantiga de Buanara* – trovas e quadras líricas e filosóficas de circunstâncias humorísticas; *A Canção de Indaiá* – coletânea de poesias; *Uma Cascata de Bondade* – ensaios sobre o Ministro Antonio Lafayette de Andrada e *Ensaio sobre Carnaúba dos Dantas* – seu povo, seu Monte do Galo, sua música, sua biblioteca e seu monumento ao fundador da cidade, Caetano Dantas Correia.



### *Bens Relacionados*

Museu Presença Viva de Nossa História (objetos pessoais enviados em vida para a biblioteca); Biblioteca Pública Donatilla Dantas; Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas.



Fig. 32 Biblioteca Pública Donatilla Dantas. Foto: Helder Macedo

### *Intervenções*

Donatilla Dantas faleceu no dia 19 de fevereiro de 1994, em Brasília. Cerca de 99% do seu acervo particular foi enviado para a biblioteca que fundara em 1947, ainda em vida. Como não deixou filhos legítimos<sup>22</sup>, costumava dizer que os livros enviados para a biblioteca eram seus “filhos culturais”. A sua morte não representou o fim do seu ideal de elevar o nome de Carnaúba dos Dantas: seus familiares,

---

<sup>22</sup> Donatilla foi casada com Jorge Farriá Júnior, porém, desquitou-se em 1953, não deixando herdeiros legítimos.

sobrinhos e irmãos criaram, em 1996, a Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas - FUNCEDD, instituição filantrópica destinada a divulgar sua produção literária e contribuir no atendimento a portadores de necessidades especiais. A FUNCEDD, presidida por Marlene Estevam Dantas Calheiros, tem sede em Carnaúba dos Dantas e abriga o acervo epistolográfico e pessoal de Donatilla Dantas, sua biblioteca particular e bens que compunham seu apartamento residencial, em Brasília. Um dos projetos da FUNCEDD é de criar um memorial para honrar a vida, personalidade e obra de Donatilla Dantas, além da publicação de seus livros inéditos. A Biblioteca Pública Donatilla Dantas, presidida pela senhora Maria Desidéria de Medeiros (sobrinha de Donatilla), encontra-se situada no centro da cidade e promove atendimento através de consulta e empréstimo do seu acervo a crianças, jovens e adultos regularmente inscritos como sócios.

### *Referências*

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

DANTAS, Donatilla. Candango. Brasília: s/e, 1960.

DANTAS, Donatilla. Carnaúba dos Dantas - Terra da Música. Brasília: H.P. Mendes, 1987.

FUNDAÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DONATILLA DANTAS. Acervo epistolográfico, livros inéditos e biblioteca particular de Donatilla Dantas. Carnaúba dos Dantas-RN.

### *Mídias*

FOTOGRAFIAS e álbuns fotográficos pessoais e das visitas de Donatilla Dantas a Carnaúba dos Dantas (1949, 1957 e 1982). Acervo da Fundação Cultural e Educativa Donatilla Dantas, Carnaúba dos Dantas-RN.

FOTOGRAFIAS de Donatilla Dantas. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

## **4. Obra de Dom José Adelino Dantas**

### *Caracterização*

Dom José Adelino Dantas era natural de São Vicente-RN, embora se considerasse um carnaubense autêntico e de sangue. Dedicou grande parte de sua vida ao sacerdócio, chegando a ocupar o cargo eclesiástico de Bispo da Diocese de Caicó, na sua região de nascimento e predileção, o Seridó. Dentre suas aptidões intelectuais foi historiador, *articulista*, professor, poeta latinista e músico. No que diz respeito a sua obra publicada, podemos dividi-la em dois gêneros, um voltado para a reflexão acerca do sacerdócio e outro para os temas da historiografia regional.

### *Histórico*

Dom Adelino Dantas é descendente, de ambos os lados - paterno e materno - dos Azevêdos e Dantas, que se fixaram nos Sertões da Paraíba e Rio Grande do Norte a partir do século XVIII, desbravando terras e índios para promover a sua colonização através da implantação de fazendas de gado. A sua história de vida é

exemplo de amor e dedicação exclusiva à Igreja católica e aos homens, nos diferentes campos da espiritualidade, da educação e da cultura. Homem de origem humilde e de família pobre, nasceu no sítio Saco da Luísa, em São Vicente-RN, no dia 17 de março de 1910. Ficou órfão aos cinco anos de idade e compartilhou do drama de sua mãe, em vê-la com a responsabilidade de educar e criar doze filhos.

Foi músico, sacerdote, cônego, bispo e exerceu várias profissões oriundas do seu conhecimento intelectual chegando até a ingressar na Academia Norte-riograndense de Letras. Faleceu a 24 de março de 1983, sendo sepultado na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no sopé do Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas - um pedido feito ainda em vida às autoridades locais. Passou os últimos anos de sua vida em Carnaúba dos Dantas, residindo, *a priori*, na Casa Paroquial da cidade e posteriormente na do sopé do Monte do Galo, por trás da Capela de Nossa Senhora de Perpétuo Socorro.





Fig. 33 Dom José Adelino Dantas. Acervo particular de Maria Desidéria de Medeiros

### *Descrição*

Como escritor publicou três livros, muito embora sua produção esteja espalhada entre muitos jornais, periódicos e revistas, dentre as quais *Tempo Universitário*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O seu primeiro livro foi *A Formação do Seminarista* (1947), obra dedicada exclusivamente à formação sacerdotal, missão que ele exerceu, com a maior competência, durante dezessete anos e meio. O seminário, a batina, o amor a Deus e o amor do mundo são elementos que permeiam essa obra. Os dois outros livros são grandes contribuições prestadas à historiografia regional do Seridó, considerando que suas idéias partiram da consulta à documentação manuscrita presente na região e serviram de fonte bibliográfica, inclusive, para estudos acadêmicos posteriores no âmbito do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Seu segundo livro foi *Homens e fatos do Seridó Antigo* (1962), que, baseado em árdua pesquisa documental e também na tradição oral, enaltece a personalidade dos grandes patriarcas do Seridó e alguns fatos históricos relacionados ao surgimento dos primeiros núcleos urbanos da região. Os artigos que compõem os *Homens e fatos* haviam sido publicados, em anos anteriores, no jornal *A Folha*, informativo da Diocese de Caicó.

Seu terceiro e último livro é *O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia – Um inventário revelando um homem* (1977). Trata-se de uma biografia do Coronel Caetano Dantas feita por um de seus descendentes, em que se combinam a tradição oral e a documentação escrita - aqui nos referimos ao inventário *post-mortem* do patriarca, processado na então Vila Nova do Príncipe (hoje, Caicó) em 1798, fonte de primeira mão para o autor. É uma obra indispensável para quem deseja conhecer a vida de Caetano Dantas, seus descendentes e fatos históricos ligados a sua presença no Sertão do Seridó.

#### *Bens Relacionados*

Objetos pessoais, litúrgicos e arquivo particular (contendo fotografias, artigos, cartas e livros), presentes no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias, de Carnaúba dos Dantas-RN.



Fig. 34 Objetos pessoais de Dom Adelino no "Museu" Histórico Nossa Senhora das Vitórias, Carnáuba dos Dantas. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906.

### *Intervenções*

Dom Adelino Dantas preparava, nos últimos anos antes de sua morte, uma segunda edição dos *Homens e Fatos do Seridó Antigo*, fruto de novas pesquisas em documentação manuscrita, que iria ser publicado pela UFRN. Entretanto, seu sonho não chegou a ser realizado e alguns dos originais dessa obra encontram-se fechados no seu arquivo pessoal, junto com um considerável acervo de fotografias, recortes de jornais e correspondências, nos fundos do Museu Histórico Nossa Senhora das

Vitórias<sup>23</sup>. Seria muito salutar para os carnaubenses e mesmo para os seridoenses que os originais dessa segunda edição dos *Homens e fatos* pudessem ser publicados, dando condições de conhecimento das pesquisas do autor nos últimos anos antes de sua morte.

### Referências

AZEVÊDO, Aluísio. Dom José Adelino Dantas. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal; Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989.

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

DANTAS, Donatilla. Carnaúba dos Dantas - Terra da Música. Brasília: H.P. Mendes, 1987.

DANTAS, Donatilla. Dom José Adelino Dantas, 2º Bispo de Caicó. Brasília: H.P. Mendes, 1991 (Separata de “Carnaúba dos Dantas - Terra da Música”, da mesma autora).

DANTAS, José Adelino. De que morriam os sertanejos do Seridó antigo? Tempo Universitário. Natal: UFRN, v.2, n.1, p. 129-36, jan/jun.1979.

DANTAS, José Adelino. Homens e Fatos do Seridó Antigo. Garanhuns: O Monitor, 1962.

DANTAS, José Adelino. O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia – Um Inventário revelando um homem. Natal: CERN, 1977.

---

<sup>23</sup> Do ponto de vista museológico, não se trata de um museu propriamente dito. Optamos por tratá-lo, por via de ética, de sua denominação que aparece no frontispício. Localiza-se no início da subida do Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas.



### *Mídias*

FOTOGRAFIAS. Arquivo Particular de Dom José Adelino Dantas e do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*. Acervo Particular de Valdemar Cândido de Medeiros e Maria Desidéria de Medeiros.

## **5. Obra de Francisco Rafael Dantas**

### *Caracterização*

Francisco Rafael Dantas é um famoso poeta popular de Carnaúba dos Dantas. França, como é mais conhecido, foi agricultor e minerador na infância e na juventude. Aos quinze anos, enveredou pelos caminhos da poesia, sua verdadeira vocação, que lhe deu liberdade, amor e fama. Iniciou em 1958, um trabalho poético chamado *Os Conselhos do Judas*, que foi sucesso por um bom período, não continuando por pressões de alguns membros da elite local, que se sentiam ofendidos pelas verdades ditas em praça pública. Homem brilhante na carreira poética e musical, continua até hoje a escrever poemas e a declamá-los em reuniões e encontros sócio-culturais, além do que é constantemente chamado para ocupar a função de jurado em concursos regionais de poesia.

### *Histórico*

Francisco Rafael Dantas nasceu no Sítio Volta do Rio, município de Carnaúba dos Dantas-RN, em 24 de dezembro de 1935. Filho de Francisco Rafael de Medeiros e de Gertrudes Augusta Dantas, estudou até o 5º ano primário no Sítio Xiquexique,

tendo como professora dona Amélia Eulália Dantas. Aos 35 anos aprendeu música, mas foram as poesias matutas - que começou a compor com cerca de quinze anos de idade - que lhe deram maior destaque, a maioria inspirada em fatos da natureza e da humanidade.

Em 1970 iniciou seus estudos musicais com o maestro Felinto Lúcio Dantas, tocando saxofone alto. Em decorrência disso escreveu no ano de 1981, o Frevo-Canção “Cinzas dos Carnavais” - seu trabalho mais importante. Posteriormente aprimorou seus conhecimentos com o Maestro Pinta, chegando a reger a Banda de Música Governador Tarcísio Maia no período de 1996 a 2000, formando vários musicistas que, hoje, fazem parte das bandas de música na região e mesmo fora dela. Atualmente passa parte dos seus dias com a esposa no sítio Volta do Rio e parte em sua residência, na cidade, sempre escrevendo seus versos.



Fig. 35 Poeta França em sua residência. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

### *Descrição*

O poeta França, ao rimar, sente que a inspiração flui e, sendo assim, a improvisação manifesta-se normalmente, seja ao escrever poesia matuta ou de cunho crítico. Nos anos 60, na tradição folclórica do sábado de aleluia, era tradicional em Carnaúba dos Dantas se escutar os *Conselhos do Judas*, que eram elaborados e lidos por França da seguinte maneira: colocava-se uma urna no cartório da cidade durante o ano e lá as pessoas colocavam as suas queixas contra outros indivíduos da comunidade, por razões as mais diversas. Todo sábado de aleluia, às 19 horas, a Praça Caetano Dantas e os seus arredores viam-se lotados de pessoas da

comunidade, *ávidas* em seus desejos e ansiosas em escutarem o que o *Judas* ia falar através do amplificador municipal ou pelo serviço de alto-falante do Cine São Pedro. Peripécias, causos, *podres*, mexidos, moídos: era essa a tônica do discurso do Judas, que aconselhava os acusados a mudarem seu comportamento. Quando o aconselhado não gostava, os redatores se defendiam dizendo que a culpa era da urna, que recebia, durante o ano, os papeletes com as informações.

No ano de 1980 “apareceram alguns acontecimentos na cidade com pessoas elevadas da sociedade”<sup>24</sup>, o que fez com que o *Judas* se recolhesse e, para evitar maiores mal-entendidos, não desse seus conselhos nesse ano. O relator (França) avisou no serviço de alto-falante do Cine São Pedro que o *Judas* não apareceria esse ano. A reação das poucas pessoas que passavam pela frente foi de xingamento ao relator, acusando-o de não dar os *Conselhos* porque estes envolviam os ricos da cidade. Motivado pela grande pressão, França anunciou no alto-falante que dentro de cinco minutos estaria divulgando o porquê do *Judas* não ter vindo dar conselhos em Carnaúba dos Dantas no ano. Na forma de poesia compôs o *porquê*, que foi pronunciado perante uma grande e insaciável quantidade de pessoas que esperava inquieta a divulgação dos versos.

Compositor de mais de duzentas poesias, publicou em 1996 o livro *Retalhos dos meus poemas*, em que reúne mais de trinta composições poéticas, entre as de cunho matuto e as de crítica social ou memorialísticas. No fundo, o livro é uma verdadeira exaltação a Carnaúba dos Dantas, que aparece imortalizada em várias passagens de seus poemas, o que faz de França um importante nome da cultura popular do lugar. Outra publicação de sua autoria é o cordel *O sofrimento de Joana Turuba*, que foi publicado em 2000. A poesia conta a saga da mulher que morreu vítima de *bexiga*

---

<sup>24</sup> Conforme Francisco Rafael Dantas, “Retalhos dos meus poemas” (p. 115).

*braba* no sopé da Serra do Marimbondo em 1935, de cuja morte surgiu a devoção a Santa Rita de Cássia.

### *Referências*

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

DANTAS, Francisco Rafael. O sofrimento de Joana Turuba. Natal: Fundação José Augusto/ Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, 2000 (Projeto Chico Traíra),

DANTAS, Francisco Rafael. Retalhos dos meus poemas. Carnaúba dos Dantas: [ sem editora ], 1996.

### *Mídias*

FOTOGRAFIAS. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

## **6. *Obra de Auta Rodrigues de Carvalho***

### *Caracterização*

Auta Rodrigues de Carvalho é uma autodidata nas artes plásticas, cênicas e visuais, que viveu desde o nascimento até os anos 90 em Carnaúba dos Dantas, passando a residir, posteriormente, na cidade de Acari/RN, porém, atuando no trabalho religioso nas duas cidades. Foi professora, Ministra Extraordinária da Eucaristia e catequista por muitos anos, sendo uma artista memorável no que tange



às artes da poesia, do desenho, da pintura e de trabalhos visuais como cartazes e maquetes.



Fig. 36 Auta Rodrigues de Carvalho. Acervo particular

### *Histórico*

Auta Rodrigues de Carvalho é natural de Carnaúba dos Dantas, onde nasceu no dia 14 de dezembro de 1926. Hoje reside na Rua da Matriz, 219 em Acari/RN. Estudou até a 8ª Série no Grupo Escolar Caetano Dantas e Instituto Municipal João Cândido Filho, em Carnaúba dos Dantas. Teve cursos de especialização em Caicó, Acari e Natal. Professora da Escola Estadual Tomaz de Araújo (Acari), atuou como

Ministra Extraordinária da Eucaristia por dez anos e catequista por quarenta anos. Desde 1953 tem atuação marcante na Festa do Monte do Galo. Poetisa e artista, Dona Auta - como é conhecida popularmente - tem sido responsável pelo roteiro, vestiário, desenho e ensaios da Encenação da Paixão de Cristo desde os anos 70 do século XX.

A infância de Dona Auta foi marcada pelos tempos de férias, onde todos se reuniam no Sítio Carnaúba e a noite juntavam-se no terreiro porque a casa não tinha alpendre. Faziam brincadeiras, cantavam e faziam serenatas ao luar. Os meninos brincavam de João Gualamarte. Os brinquedos eram rústicos, já que os seus pais não tinham condições de comprar brinquedos sofisticados. As recordações são muitas: as cadeiras feitas de talos de milho, o guarda-roupa de coisas do campo, carro de carretéis e as bonecas quando não eram de pano eram de osso. Na juventude participava das festas sociais, mas não dançava - o pai não queria e também não aprendeu. Afastou-se porque tinha interesse de pertencer à Pia União das Filhas de Maria. Não foi de namorar, teve apenas um flertezinho. Nessa época cantava a modinha “Ô Jardineira porque estais tão triste...”, que até hoje faz parte dos carnavais. Era muito inteligente e estudiosa, tendo sido alfabetizada em casa por seus irmãos e estudado, posteriormente, no Grupo Escolar Caetano Dantas. Outra coisa que recorda de sua vida escolar é a bondade dos mestres. Lembra bem do professor Francisco Soares que era, na sua opinião, “maravilhoso” e Dona Cicinha, que posteriormente se tornou freira.

#### *Descrição*

Dona Auta participa ativamente dos trabalhos da Igreja. Chegou a tocar órgão e dirigir os cânticos em Carnaúba. Organizou vários dramas, dentre eles, *O drama dos anjos dos pobres*, *O martírio de Santa Filomena*, *Angústia do coração materno* (cujas dramas

a autora não lembra dos textos) e *Comédia do inventário na roça* - com bailados e canções acompanhados ao violão. Segundo ela, era um verdadeiro show de humor.



Fig. 37 Encenação da Paixão de Cristo, organizada por Auta Rodrigues (anos 80). Acervo particular

Em 1990, atendendo a um pedido do Monsenhor Ausônio Tércio de Araújo, de Currais Novos (hoje falecido) apresentou num encontro de catequese um livro em versos intitulado *Histórico do Monte do Galo*, que enaltece sua pequena cidade. Fala de como surgiu o Monte do Galo e a devoção a Nossa Senhora das Vitórias, tocando, também, em temáticas como a localização de Carnaúba dos Dantas, paisagens (coqueiros e carnaubais), lazer, filhos ilustres, milagres, promessas, religiosidade, festa, lugar de devoção, atração turística, enfim, sua terra natal transformada em versos para serem apreciados e lidos pelos seus conterrâneos e leitores.

Poesia e música faziam e fazem parte na vida desta mulher que sempre gostou de compor. “Eu gostava muito de enriquecer as minhas aulas, então organizei esses versinhos sobre Carnaúba e cantava com os meninos”, - diz a autora. Esta poesia foi

cantada por muitos anos nos estabelecimentos de ensino de Carnaúba por alunos e professores, sendo considerada o primeiro hino do município:

Carnaúba é minha terra  
Pequenina e boa  
Terra do sertão  
E' no vale que se localiza  
Vê-se o rio, linda vegetação  
Nestas Margens verdejantes  
Os lindos coqueiros e o carnaubal  
Tudo isto encanta a vista  
Nesta minha terra pra mim sem igual

A cidade é graciosa, a gente ardorosa  
Sempre a trabalhar  
As ruas são alinhadas  
Bem arborizadas  
Podemos notar  
Lá no alto da colina  
Para nós se inclina  
A cruz do Redentor  
Aqui a sua sombra  
Quero trabalhar  
Para a minha terra, exaltar.

Dona Auta é uma artista tanto na arte de compor quanto na de desenhar. Foi autora da bandeira e brasão oficial do município de Carnaúba dos Dantas, criados pela Lei Municipal 159/71, de 26 de julho de 1971, na gestão do prefeito Valdemar Cândido de Medeiros, sendo o desenho da autoria da nossa biografada. Com fundo azul e amarelo, a bandeira tem ao centro o Monte do Galo (ponto turístico) encimado por uma anta, símbolo da família Dantas; tendo de um lado a carnaubeira, que deu origem ao nome do município e do outro o algodão, que já foi uma das principais fontes de renda dos carnaubenses. Esse brasão, ainda hoje, é utilizado nos papéis oficiais da Prefeitura e Câmara Municipal de Carnaúba dos Dantas, sendo uma versão pintada pela artista plástica Helenice Medeiros Dantas de Macedo a partir de

uma cópia em preto e branco do original (perdido nos arquivos da Prefeitura Municipal) desenhado por Dona Auta.

A artista que merece nossa atenção neste texto ressalta que dois dos seus irmãos também se dedicaram à poesia e ao trabalho catequético. A primeira é Dona Amália Rodrigues de Carvalho, que trabalhava na igreja e hoje, aos 88 anos, ainda é lúcida e dá orientações a quem a procura. O outro é Abel Rodrigues de Carvalho. Homem de rara inteligência, publicou várias poesias, das quais, infelizmente, não temos conhecimento. Compôs a letra do Hino de Nossa Senhora das Vitórias, que foi musicada pelo maestro Felinto Lúcio Dantas e que até hoje é cantado na festa da Padroeira do Monte do Galo.

Uma das recentes produções intelectuais de Dona Auta foi a reunião, numa cartilha intitulada *Cantando também se Aprende, tá?* (2002), de paródias criadas pela autora a partir de músicas de domínio público para fins catequéticos. Essa cartilha representa o legado de mais de quarenta anos de atividade catequética e elaboração de músicas para serem cantadas por crianças e jovens em formação doutrinária. Muitos carnaubenses ainda devem recordar dessas músicas ensinadas por Dona Auta na abertura da aula do *catecismo*, quando a imensidão de crianças que irrompia no recinto da igreja era separada para as diversas turmas de catequistas.

#### *Bens Relacionados*

Cartazes e maquetes presentes no arquivo da Secretaria da Paróquia de São José, de Carnaúba dos Dantas e na residência de Dona Auta Rodrigues de Carvalho; bandeira oficial do município de Carnaúba dos Dantas, presente na Prefeitura e Câmara Municipal de Carnaúba dos Dantas.

#### *Referências*



CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

CARVALHO, Auta Rodrigues de. Cantando também se Aprende, tá? Acari: s/e, 2002.

CARVALHO, Auta Rodrigues de. Histórico do Monte do Galo. Carnaúba dos Dantas: s/e, 1990.

#### *Mídias*

FOTOGRAFIAS. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

## **7. Grupo Sertão Vivo**

### *Caracterização*

O Grupo Sertão Vivo é um grupo de artistas localizado numa parte de uma casa situada dentro do Horto Florestal, em ambiente rodeado de algarobeiras de copas imponentes. Nesse local - o *ateliê* do grupo - ninguém fica parado por muito tempo, porque o ambiente é repleto de esculturas de argila, pinturas e bonecos de mamulengo. As peças são mostradas e vendidas na Galeria Sertão Vivo, situada que se localiza numa das lojas do Terminal Rodoviário, por trás da igreja matriz. Coordenado pelo artista plástico Dedé Carnaúba, a proposta do grupo é integrar atos cênicos, trabalhos plásticos, ritmos musicais e outras formas de artes visuais, na tentativa de valorizar a cultura popular local e regional.

*Histórico*

Dedé Carnaúba iniciou um projeto em março de 2004, com o objetivo de unir arte, cidadania e meio ambiente. Esse projeto foi o germe de onde surgiu o Grupo Sertão Vivo. No meio das algarobas do Horto Florestal de Carnaúba dos Dantas localiza-se o ateliê do grupo, verdadeiro reduto de artistas, onde seus membros se destacam pelo poder de criatividade e perfeição com que trabalham. Apaixonado pela arte, Dedé Carnaúba trabalha com madeira, argila, cimento, ferro, pintura e não gosta de repetir a mesma peça quando se trata de escultura. Ela relata que “A escultura retira do material o que está fora da expressão enquanto a modelagem é o ato de tirar e botar a expressão do artista”.<sup>25</sup> Divulgador e multiplicador da arte, Dedé Carnaúba eleva a auto-estima de muitos jovens carnaubenses, preenchendo-lhes o tempo ocioso.

---

<sup>25</sup> Conforme informação pessoal concedida por José Francisco Filho em 13 de mai. 2005.



Fig. 38 Comemoração de um ano de existência do Grupo Sertão Vivo (2005). Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

### *Descrição*

No ateliê do Grupo Sertão Vivo sobressai-se o jovem artista Joanderson Bezerra dos Santos, que, na atividade da pintura, demonstra habilidade e conhecimento no trato com tintas, cores e pincéis. Atividades como as que desenvolvem Joanderson Bezerra e outros jovens fazem os integrantes do Grupo Sertão Vivo abnegarem do seu tempo livre, acabando por contribuir para que se criem mentes sadias e produtivas voltadas para a cidadania, sem falar de quão é agradável e divertida essa prática.



Fig. 39 Artista Wagner Cortês. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

Outro jovem de destaque é Wagner Cortês. Autor teatral, escreve peças variadas dentro da sua leitura de mundo com objetivo de levar para outras pessoas a informação e motivação resultante de sua aprendizagem e descobertas. Além disso, participa das atividades do Grupo Sertão Vivo enquanto escultor e percussionista. Da mesma cepa temos Helson Nazaré da Silva, que junto com Wagner Cortês coordena o grupo teatral Gargalhadas, participa do Programa Federal Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, tem 16 anos e cursa o 3º ano do Ensino Médio



na Escola Estadual João Henrique Dantas. Jovem simples e dedicado às artes, afirmou que “Na área do teatro, parte da minha vida é a que eu gosto mais de fazer, tanto atuando nos palcos, como ensinando as outras pessoas o meu trabalho”<sup>26</sup>. Wagner e Helson fazem parte do Grupo Sertão Vivo, que trabalha uma proposta multimídia de arte, desenvolvendo dentro do município de Carnaúba dos Dantas um trabalho de multiplicação, onde jovens que dominam algum segmento artístico - teatro, pintura, escultura, música, teatro de boneco - (re) passem seus conhecimentos a outros jovens.



Fig. 40 Grupo Sertão Vivo. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906

Não poderíamos deixar de falar, também, de um jovem que desenvolve o brincar com bonecos e também é integrante do Grupo Sertão Vivo. Estamos nos

<sup>26</sup> Conforme informação pessoal concedida por Helson Nazaré da Silva em 02 de mai. 2005.



referindo a José Jailton Dantas, de 18 anos, que, através do envolvimento com a arte mudou seu comportamento e tem hoje uma visão de mundo diferente da que imaginava antes. Segundo ele, “Dedé Carnaúba me disse que [o João Redondo] era uma arte morta, então resolvi reviver. Não apareço, fico por trás dos panos”. Além de apresentar o teatro de bonecos, trabalha com a arte tradicional japonesa das dobraduras (origami) e esculpindo troncos. Além disso, é poeta.

O Grupo Sertão Vivo valoriza o Boi de Reis, a capoeira, as lendas locais e regionais, indo ao encontro do espectador que se encontra no espetáculo, tanto nos personagens como nas cenas e nas roupagens. Além dessa proposta *multimídia*, engaja os jovens em artes plásticas como a pintura e a escultura em um ateliê localizado no Horto Florestal - cujas peças são vendidas numa galeria, situada no Terminal Rodoviário da cidade. As peças confeccionadas tanto em madeira como em barro ou cimento são de uso utilitário e tem como consumidores a população do município, visitantes ou clientes que fazem a encomenda. Dentre as peças de expostas à venda encontramos artigos de decoração como talhas, imagens, figuras regionais, santos, quadros, animais silvestres e adornos de madeira da região (feitos a partir de pereiro, umburana e aroeira, a exemplo).

### *Referências*

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. Preá - Revista de Cultura. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

*Mídias*

FOTOGRAFIA. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906.*